

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

LUANA PENÊDO DA SILVA

ADAPTAÇÃO FONOLÓGICA DE EMPRÉSTIMOS FRANCESES DE TERMOS DA
MODA

Porto Alegre
2018

LUANA PENÊDO DA SILVA

ADAPTAÇÃO FONOLÓGICA DE EMPRÉSTIMOS FRANCESES DE TERMOS DA
MODA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Instituto de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharela em Letras.
Orientador Prof. Dr. Leandro Zanetti Lara

Porto Alegre
2018

LUANA PENÊDO DA SILVA

ADAPTAÇÃO FONOLÓGICA DE EMPRÉSTIMOS FRANCESES DE TERMOS DA
MODA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Instituto de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharela em Letras.
Orientador Prof. Dr. Leandro Zanetti Lara

Porto Alegre, 13 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof^o Dr^o Leandro Zanetti Lara
UFRGS

Prof^a Dr^a Sabrina Pereira de Abreu
UFRGS

Prof^a Dr^a Sandra Dias Loguercio
UFRGS

Em memória de Elizabete Penêdo. Obrigada pelo amor e apoio incondicional. Te amo infinito, vóva!

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Rosângela, e minha irmã, Caroline, por acreditarem em mim e por darem todo o suporte necessário para realizar os meus sonhos. Vocês são meu tudo!

Ao meu orientador Leandro Zanetti Lara, pela orientação desta monografia e pelas excelentes aulas de fonologia. Obrigada por tudo, professor.

À professora Sandra Dias Loguercio, pelas incríveis aulas de francês e tradução. Obrigada pelo carinho com que tu trata os teus alunos. Se eu conseguir ser um pouquinho do ser humano e da profissional que tu és, já estarei realizada.

À professora Patrícia Reuillard, pelas ótimas aulas de tradução e por tornar-me tradutora. Tu é o máximo, Pat!

À professora Vanessa Schmitt pelas aulas de francês e por acreditar em mim.

À professora Sabrina Abreu por participar desta monografia como membro da banca.

As minhas amigas: Fernanda (ico), pelas risadas, conversas e compartilhamento de memes. Adriana (Adri), pelas conversas, por responder as minhas perguntas toscas e rir das asneiras que falo. Stéphane, pelas risadas incontroláveis e pelos passeios divertidos.

Aos meus alunos, obrigada por ouvirem as minhas lamentações e serem muito pacientes e queridos comigo.

A minha cachorrinha Sunny Maria pela companhia e amor incondicional.

À Associação dos Professores de Francês do Rio Grande do Sul, pela bolsa de estudos para que eu pudesse estudar na Aliança Francesa.

À Aliança Francesa de Porto Alegre e seus professores pelo excelente ensino de francês.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por proporcionar uma educação gratuita e de qualidade.

Aos presidentes Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff pela criação das cotas raciais e pela educação de qualidade que tive na UFRGS.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a fonologia dos empréstimos franceses de termos da moda (em torno de 67), buscando evidenciar os processos fonológicos por que tais termos passaram quando da sua entrada, adaptação na língua portuguesa, bem como obter informações lexicais que sirvam de subsídio para um estudo diacrônico da terminologia da moda. Em relação à fonologia dos empréstimos, a literatura apresenta uma tipologia dos padrões emergentes, (empréstimos com múltiplas soluções; reparos divergentes; recuo ao não marcado, etc.). Já em relação às informações que podemos extrair da análise da fonologia dos empréstimos e que podem servir de subsídio para estudos diacrônicos em terminologia, estas advêm do cotejo da evolução da forma dos itens lexicais da língua-fonte com as datações da entrada dos termos e sua anotação nos dicionários na língua-alvo, bem como analisando-se contrastivamente as histórias do francês e do português. Os dados da pesquisa foram obtidos a partir da terminologia institucionalizada da área em estudo, ou seja, fez-se uma recolha dos termos de moda de origem francesa que figuram em dicionários, glossários e publicações científicas/terminológicas disponíveis na internet em língua portuguesa. Subdividiu-se esse corpus terminológico em duas categorias, a saber termos adaptados, para o qual foi elaborada fichas termino-etimológicas, e termos franceses. Observaram-se graus diversos de nativização (adaptação à fonologia da língua-alvo, no caso, o português brasileiro), bem como estratégias diversas de ortografia na história da incorporação deste subléxico ao léxico do português e/ou linguagem de especialidade da moda em português. Há termos que se aproximam de sua ortografia e forma fonológica originais enquanto há outros mais plenamente nativizados. Pistas para as decisões quanto à grafia, à forma e ao grau de nativização podem ser encontradas nas datações da entrada dos termos no português e também comparando-se as etapas históricas do francês e do português.

Palavras-chave: adaptação fonológica, empréstimos linguísticos, terminologia diacrônica, francês, português brasileiro.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour l'objectif d'analyser phonologiquement 67 termes empruntés du français au sein de la mode, cherchant à mettre en évidence les processus phonologiques et pour savoir ce qui s'est passé avec ces termes dès le moment de son entrée et de son adaptation dans le portugais brésilien et d'obtenir également des renseignements lexicaux qui servent de ressource pour un étude diachronique de la terminologie de la mode. Par rapport à la phonologie des emprunts, la littérature présente une typologie des modèles émergentes. Par rapport aux données qu'on peut en analyser et que peuvent servir de ressource pour les études diachroniques en terminologie, la découverte est que ceux-ci viennent de l'évolution de la forme des éléments lexicaux de la langue source avec les datations de l'entrée de ces termes et de son insertion dans les dictionnaires de la langue cible et en analysant l'histoire du français, ainsi que du portugais brésilien. Les données de recherche ont été obtenues à partir de la terminologie institutionnalisée dans le domaine d'étude, c'est-à-dire une récolte de termes de mode d'origine française qui figurent dans des dictionnaires, glossaires et publications scientifiques/terminologiques en ligne en langue portugaise. Pour faire l'analyse phonologique, un corpus terminologique a été créé et il a été divisé en deux groupes, à savoir les termes adaptés, pour lequel des fiches termino-étymologiques ont été produites, et les termes français. Différents degrés de nativisation (adaptation à la phonologie de la langue cible, dans ce cas, le portugais brésilien) peuvent être observés et aussi les différentes stratégies d'orthographe dans l'histoire d'insertion de ce sublexique au lexique du portugais et/ou le langage de spécialité de la mode en portugais. Il y a des termes que s'approchent de son orthographe et sa forme phonologique originelle, tandis qu'il y a d'autres termes plus nativisés. Par rapport aux datations d'entrée de ces termes dans le portugais, les décisions sur la graphie, la forme, le degré de nativisation et une comparaison entre les étapes historiques du français, ainsi que du portugais peuvent être trouvées.

Mots-clés: mode, terminologie, phonologie, français, portugais brésilien.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Exemplo de Recuo ao não marcado	15
Tabela 1 — Padrões emergentes	16
Tabela 2 — Exemplo de ficha termino-etimológica	23
Tabela 3 — Processos de adaptação	25
Quadro 1 — Processo de mudança na acentuação gráfica	27
Tabela 4 — Termos franceses utilizados no PB na sua forma francesa	29
Tabela 5 — Termos adaptados	30
Quadro 2 — Análise - termos adaptados	34
Tabela 6 — Padrão de Adaptação	36
Tabela 7 — Problemas com múltiplas soluções	37
Tabela 8 — PMS exemplos	38
Tabela 9 — Ficha termino-etimológica - abrasão	40
Tabela 10 — Ficha termino-etimológica - acetato	40
Tabela 11 — Ficha termino-etimológica - boina	41
Tabela 12 — Ficha termino-etimológica - cafetã	42
Tabela 13 — Ficha termino-etimológica - casquete	42
Tabela 14 — Ficha termino-etimológica - colete	43
Tabela 15 — Ficha termino-etimológica - cotelê	43
Tabela 16 — Ficha termino-etimológica - crepe	44
Tabela 17 — Ficha termino-etimológica - echarpe	44
Tabela 18 — Ficha termino-etimológica - envelope	45
Tabela 19 — Ficha termino-etimológica - evasê	45
Tabela 20 — Ficha termino-etimológica - galocha	46
Tabela 21 — Ficha termino-etimológica - godê	46
Tabela 22 — Ficha termino-etimológica - gorgurão	47
Tabela 23 — Ficha termino-etimológica - jabô	47
Tabela 24 — Ficha termino-etimológica - lamê	48
Tabela 25 — Ficha termino-etimológica - malha	48
Tabela 26 — Ficha termino-etimológica - mantô	49
Tabela 27 — Ficha termino-etimológica - mocassim	49
Tabela 28 — Ficha termino-etimológica - moda	50
Tabela 29 — Ficha termino-etimológica - moletom	51
Tabela 30 — Ficha termino-etimológica - musselina	51
Tabela 31 — Ficha termino-etimológica - paetê	52
Tabela 32 — Ficha termino-etimológica - passamanaria	52
Tabela 33 — Ficha termino-etimológica - pelerine	53

Tabela 34 — Ficha termino-etimológica - pelúcia	53
Tabela 35 — Ficha termino-etimológica - pinça	54
Tabela 36 — Ficha termino-etimológica - piquê	54
Tabela 37 — Ficha termino-etimológica - plataforma	55
Tabela 38 — Ficha termino-etimológica - plissado	55
Tabela 39 — Ficha termino-etimológica - plissê	56
Tabela 40 — Ficha termino-etimológica - polaina	56
Tabela 41 — Ficha termino-etimológica - retrô	57
Tabela 42 — Ficha termino-etimológica - rolotê	57
Tabela 43 — Ficha termino-etimológica - sarja	58
Tabela 44 — Ficha termino-etimológica - saruel	58
Tabela 45 — Ficha termino-etimológica - serigrafia	59
Tabela 46 — Ficha termino-etimológica - tafetá	59
Tabela 47 — Ficha termino-etimológica - tule	60
Tabela 48 — Ficha termino-etimológica - utilitário	61
Tabela 49 — Ficha termino-etimológica - vanguarda	62
Tabela 50 — Ficha termino-etimológica - viés	62
Tabela 51 — Ficha termino-etimológica - laise	63
Tabela 52 — Ficha termino-etimológica - zibelina	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Aurélio	Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa
CNRTL	Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales
Houaiss	Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa
PB	Português Brasileiro
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	13
2.1	PADRÕES EMERGENTES	13
2.2	CATEGORIAS FONOLÓGICAS	16
2.2.1	Traços Distintivos	17
2.2.2	Processos Fonológicos	17
2.2.3	Relação Grafema-Fonema	18
3	METODOLOGIA E <i>CORPUS</i>	20
3.1	TERMOS FRANCESES SIMPLES E COMPOSTOS	25
3.2	TERMOS ADAPTADOS SIMPLES E COMPOSTOS	26
4	ANÁLISE	28
4.1	TERMOS FRANCESES	28
4.2	TERMOS ADAPTADOS	29
4.3	DATAÇÃO	32
4.4	PADRÕES EMERGENTES	33
5	CONCLUSÃO	39
6	FICHAS TERMINO-ETIMOLÓGICAS	40
	REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a adaptação fonológica dos empréstimos franceses em português brasileiro (doravante PB). Os estrangeirismos franceses transitaram tanto da França para o Brasil como das línguas de especialidade (moda, culinária, comércio, etc.), para a língua comum. Exemplo é o termo *bonnet*, designativo de uma peça do vestuário masculino, e que possivelmente entra no nosso idioma como um termo bem específico da linguagem da moda, específico o bastante para conviver no nosso sistema linguístico com outras expressões vernáculas que lhe são muito próximas semanticamente, como 'barrete' e 'gorro'. Antes de seguirmos, termo é, de acordo com Krieger (2014), termo "estabelece um conceito de um campo profissional". Da especificidade terminológica cresceu, com os séculos, em generalidade (no nível semântico) e adaptou-se (no nível fonético-fonológico) a tal ponto que o corriqueiro *boné* se reveste de ares de brasilidade em tempos atuais, que o falante médio talvez tenha dificuldades de enxergar tal palavra como um termo oriundo do francês.

Como outras pesquisas apontam um elevado número de galicismos no português – Rosa (2010) conta 1.500 palavras no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa –, optou-se por analisar um conjunto lexical mais restrito dentro deste universo maior dos estrangeirismos franceses no português. A escolha recaiu sobre a terminologia da moda, por ser esta uma das línguas de especialidade que mais contribuiu com o influxo de termos franceses no PB, sobretudo nos anos da *Belle Époque*. Mas, como veremos ao estudarmos as datações lexicográficas, tal influxo não esteve limitado ao século XIX, como usualmente se considera. Nosso objetivo de pesquisa nos impele a definir *empréstimo* no âmbito dos estrangeirismos, hiperônimo desta categoria lexical. Segundo Câmara Jr. (2007, p. 128):

Empréstimo é a ação de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional. O condicionamento social para os empréstimos é o contato entre povos de línguas diferentes, o qual pode ser por coincidência ou contiguidade geográfica, ou à distância, por intercâmbio cultural em sentido lato. A coincidência ou contiguidade geográfica determina os empréstimos íntimos e a língua a que é feito o empréstimo constitui um substrato, um superstrato ou um adstrato. Os empréstimos à distância são culturais.

Biderman (2001, *apud* Valadares, 2014) apresenta a seguinte classificação tipológica pra estrangeirismos que ocorrem na língua portuguesa: 1) decalque – cópia literal da expressão de origem, como cartão de crédito; 2) adaptação da forma estrangeira à fonética e à ortografia brasileira, em geral se dá ao longo do tempo de permanência do termo da língua-fonte na cultura de determinada língua-alvo, por exemplo, drinque (do inglês *drink*); e 3) incorporação do vocábulo com a sua grafia original (e poderíamos acrescentar, mais conservadora da pronúncia original), por exemplo, *best-seller*. Neste sentido, podemos dizer que há uma gradação na nativização das palavras/expressões estrangeiras que entram no

português. O menor grau estaria no item 3 acima, em que há uma maior conservação da pronúncia e grafia originais, enquanto o maior grau de nativização está na categoria 2 acima, em que processos fonológicos são postos em uso a partir das regras do português para adaptar fonético-fonologicamente os itens lexicais estrangeiros ao padrão do português. Esta categoria se denomina empréstimos e é esta que será objeto de nosso estudo neste trabalho.

Para analisar tais processos fonológicos de adaptação teremos como base a classificação dos padrões emergentes na fonologia dos empréstimos proposta por Kang (2011), que mapeia os processos fonológicos presentes na entrada e fixação numa língua-alvo dos empréstimos de uma língua-fonte segundo cinco categorias, a saber:

- 1) O problema das múltiplas soluções: um padrão estrangeiro (na língua-fonte) encontra mais de uma possibilidade de reparo (adaptação) em na língua-alvo.
- 2) Reparos divergentes: quando o reparo contradiz as estratégias mais frequentes de reparo na língua-alvo.
- 3) Reparo desnecessário: quando a adaptação da forma divergente acontece mesmo quando aparentemente não há nenhuma estrutura ilícita a ser reparada.
- 4) Importação diferencial: dá-se quando uma estrutura não atestada na fonologia nativa é excepcionalmente permitida em empréstimos.
- 5) Recuo ao não marcado: nas palavras de Kang (2011),

“enquanto a importação é a situação em que as restrições nativas são relaxadas nos empréstimos, permitindo uma gama maior de estrutura nos *outputs* do *stratum* dos empréstimos do que no *stratum* nativo, também encontramos a situação inversa, ou seja, empréstimos conformando-se a exigências estruturais mais estritas, a tal ponto que o *input* estrangeiro é transformada numa forma não marcada”¹.

Este trabalho seguirá a seguinte organização: no capítulo 2, serão apresentados os pressupostos teóricos, divididos em dois tópicos: padrões emergentes e categorias fonológicas; no capítulo 3, apresentaremos a metodologia e o *corpus*; no capítulo 4, apresentaremos a análise dos dados; no capítulo 5, serão discutidos os resultados da análise e no último capítulo será apresentada a conclusão.

Passemos, então, a apresentação e discussão dos pressupostos teóricos que servirão de base à nossa análise.

¹ Tradução de: "while importation is a situation where native constraints are relaxed in the loanwords, allowing a wider range of output structure in the loanword stratum than in the native stratum, we also find the opposite situation, i.e. that loanwords conform to stricter structural requirements than the native phonology, such that the foreign input is transformed to an unmarked form"

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Aqui apresento alguns conceitos importantes para este trabalho.

2.1 PADRÕES EMERGENTES

Para analisar os processos fonológicos de adaptação, conforme antecipamos na introdução a este trabalho, estaremos seguindo de perto a classificação estabelecida por Kang (2011), que estuda os assim por ele denominados *padrões emergentes* nos empréstimos. Kang analisa, em geral, tais padrões exemplificando com empréstimos do inglês em línguas asiáticas, sobretudo coreano, cantonês, mandarim e tailandês. Procurarei, para cada uma das categorias divisadas pelo autor, propor uma exemplificação utilizando os dados do *corpus*, ou seja, com empréstimos no francês no português circunscritos aos termos da moda. Passemos, então, à apresentação e análise das categorias para padrões emergentes presentes nos empréstimos adaptados, segundo Kang (2011).

1) O problema dos empréstimos com múltiplas soluções: um padrão estrangeiro (divergente do português, por exemplo) encontra mais de uma possibilidade de reparo em português. Pensemos na expressão *purée* /pyre:/, que tem o padrão divergente do arredondamento de vogais anteriores (inexistente no português, já que todas as arredondadas em português são posteriores), que, na história do português, foi ora reparada como posterior arredondada (purê) e ora como anterior não arredondada (pirê).

2) Reparo divergente. Esta categoria de Kang (2011) relaciona-se ao fato de que, em determinados empréstimos, desenvolvem-se uma ou mais características fonéticas não esperadas para o padrão da língua-alvo. Não encontramos no *corpus* nenhum caso que pudesse ser subsumido a esta categoria, por isso não a utilizaremos na análise.

3) Reparo desnecessário. Quando a adaptação da forma divergente acontece mesmo quando aparentemente não há nenhuma estrutura ilícita a ser reparada. Se o Dicionário Houaiss tiver razão na etimologia que aponta para a palavra pelúcia como sendo proveniente do francês *peluche*, não haveria necessidade de o /ʃ/ ser corrigido para /s/, pois o português conta com o /ʃ/ em seu repertório de fricativas, podendo a adaptação facilmente ter sido para **pelucha*.

4) Importação diferencial: dá-se quando uma estrutura não atestada na fonologia nativa é excepcionalmente permitida em empréstimos. Exemplo desta categoria é a

importação do glide /j/ para o que se marca na grafia com *ll*. Provavelmente num estágio mais remoto do francês, esta consoante era /ʎ/, haja vista ser este o fonema para esta sequência gráfica em espanhol peninsular (ex.: *malla* /maʎa/), português (ex. *malha* /maʎa/) e italiano (ex.: *maglia* /maʎa/). No espanhol peninsular contemporâneo, ocorreu com intensidade crescente ao longo do século XX o fenômeno do *yeísmo*², ou seja, substituição da lateral /ʎ/ pelo glide /j/, rendendo pronúncias como as de *calle* [kaje], *llama* [jama] ou *lluvia* [juBja], por exemplo. Este processo é o que parece ter ocorrido em francês, que hoje em dia tem a forma estandardizada [majə] onde deveria ter a forma [maʎə]. O fato de a forma adaptada ao português Versalhes para *Versailles* tem possivelmente duas explicações possíveis: ou ainda pronunciava-se o [ʎ] em francês quando da importação deste nome, ou a forma com [j] foi barrada por ser a regra de *yeísmo* considerada estigmatizada em português (considere-se que em português, o *lh* pronunciado com o glide [j] não ocorre na fala culta; formas como /vɛjə/ e /tejə/ para *velha* e *telha*, respectivamente, são evitadas em contexto de mais formalidade, por exemplo. Em todos os casos, a variante com glide /j/ para o exemplo de *Versailles* /vɛʝsaj/ soa como estrangeirismo contraposta à forma nativizada *Versalhes* /veRsaʎeZ/. Porém, outros empréstimos do francês foram licenciados com o glide [j], como podemos ver no exemplo *tailleur* /taje(R)/; /tajɛR/³ ou *maillot* /majo/. O convívio da aplicação e não aplicação deste reparo em exemplos como *Versailles*/Versalhes e *maillot*/maiô, além de ser um padrão divergente do português standard (que evita o glide nestas posições em palavras nativas), remete-nos concomitantemente à primeira categoria de Kang (2011), citada acima, o problema das múltiplas soluções para um mesmo padrão divergente de empréstimo.

Uma terceira hipótese seria que o empréstimo de *Versailles* deu-se a partir da leitura (da língua escrita), porém daí ficaria sem explicação o porquê de *tailleur* e *maillot* não serem pronunciados com [ʎ].

Interessante também atentar para as datações: Houaiss (2001) anota para *tailleur* a data de 1933 e para maiô indica “séc. XX”, ou seja, ambas as palavras são relativamente modernas em relação à possível entrada no português de Versalhes, possivelmente ocorrida no período do *Ancient Régime*. Esta diferença temporal, entre um período 1, mais recuado no tempo, era licenciado o empréstimo de [ʎ], mas não de [j] nestes contextos de palavra, e um período 2, em que não é licenciada adaptação para [ʎ], mas é licenciada a de [j], que em princípio seria um padrão estigmatizado nestes contextos correspondentes a *ll/lh*, ou seja, um exemplo de importação diferencial, permite-nos concluir que tantos os empréstimos antigos quanto os modernos em que figura a sequência *ll* deram-se via oral, via língua falada, e não

2 Estamos tratando aqui de forma simplificada o fenômeno do *yeísmo*, considerando, para fins de análise, que o resultado do processo é sempre o glide [j], porém sabemos que há uma multiplicidade de alofones possíveis que emergem no lugar de [ʎ], entre eles as consoantes [j], [j̄], [ʒ] e [ʃ], algumas delas por posterior efeito de rehilamiento. Como o foco não é a fonética do espanhol neste trabalho, remetemos a estudos mais pontuais sobre *yeísmo* para aprofundamento da questão, como HUALDE (2005, p. 41-57).

3 *Tailleur* apresenta pronúncias tanto com vogal média alta e baixa em português brasileiro: /tajeR/ e /tajɛR/. Para a variante com vogal média alta parece haver a possibilidade de apagamento do /R/ final, donde termos marcado com (R) estas duas possibilidades.

escrita, dada a importação diferencial de padrões não existentes (ou não “aconselháveis” em português) em detrimento de manter-se o padrão do português – [ʎ] para contextos correspondentes a *ll/h*.

5) Recuo ao não marcado: poderíamos ter para a palavra *maille* a adaptação *malhe* ou *maie*, palavras com tema em *e*, como acontece nos casos de *casquette* (casquete), *crêpe* (crepe), *écharpe* (echarpe), mas, quando da adaptação, optou-se pelo tema em *a* (malha), que é um tema muito mais frequente (não marcado) no português do que o tema *e* (mais raro).

Na história do francês, as palavras no latim em tema *a* (primeira declinação) (e mesmo em *o* (segunda declinação) muitas vezes neutralizaram sua terminação com o tema em *e* (terceira declinação) produzindo a maioria dos substantivos franceses em *e*. A palavra *maille* (do francês antigo) advém da forma **macla*, do latim vulgar, que, por sua vez variava com a forma clássica *macula*. Interessante notar que estes processos consolidam um retorno ao não marcado numa escala maior, porque, se o português tivesse gerado uma palavra a partir da forma do latim vulgar **macla*, esta seria 'malha', com tema *a* português advindo do tema *a* latino. Ou, é um recuo ao padrão mais frequente no português, mas também seria um recuo ao padrão latino, que subjaz a ambas as línguas, português e francês. Vejamos o esquema abaixo que ilustra estas relações:

Figura 1 - Exemplo de Recuo ao não marcado



Fonte: Luana Penêdo (2018)

Abaixo, apresento uma tabela que sintetiza as quatro categorias de padrões emergentes na fonologia dos empréstimos para o PB, na concepção de Kang (2011):

Tabela 1 - Padrões emergentes

Tipo	Exemplos	Reparos
Tipo 1 - Problema com múltiplas soluções	purée /pyre:/ → /piɾe/ e /puɾe/	/y/ → /i/ e /u/
Tipo 2 - Reparo desnecessário	peluche /pəlyʃ/ → pelúcia /pelusjə/ Séc. XVIII /vɛʁsaʎes/ → /veɾsaʎeZ/ →	/ʃ/ → /s/
Tipo 3 - Importação diferencial	* /veɾsaj(e)(Z)/ Séc. XX /vɛʁsaj/ → /veɾsaʎeZ/ - /veɾsaj/	Conservação de um padrão diferencial [j] corresponde a //
Tipo 4 - Recuo ao não marcado	maille /maʎe/ → /maʎa/	/e/ → /a/

Fonte: Luana Penêdo

A partir destas quatro categorias, discutirei os dados do *corpus* quando à frequência dos processos fonológicos na adaptação dos empréstimos do francês à fonética e fonologia do português. Por exemplo, investigarei se são mais frequentes os termos com apenas uma solução de reparo ou se são recorrentes as soluções múltiplas. Outro ponto a considerar é se há realmente reparos desnecessários, ou se tais processos não têm outras explicações não aparentes (outros influxos de contato linguístico, por exemplo). Em relação à importação diferencial, podemos indagar se realmente há a possibilidade de entrada no português de um padrão diverso do nativo, por exemplo, no caso que trabalhei, da pronúncia de palavras com o grupo //, poderíamos nos perguntar se o padrão com glide [j] só é possível de importação porque o português tem este padrão em outros exemplos da língua (desvinculados da relação //lh) e que portanto não seria visto como divergente. E uma questão relativa ao recuo ao não marcado seria se por que este fenômeno não ocorre em outros casos, como, por exemplo, do acento. O acento proparoxítono e oxítono no português são marcados em relação ao paroxítono, regra geral da língua (portanto, acento não marcado). No entanto, facilmente as oxítonas francesas foram conservadas nos empréstimos ao português. Haveria algum contraexemplo, de alguma oxítona que tenha passado a paroxítona como um recuo ao não marcado? Cabe analisar os dados do *corpus* para responder a esta questão.

2.2 CATEGORIAS FONOLÓGICAS

Para analisar os termos que compõem esta pesquisa, baseio-me em algumas categorias fonológicas do português. São estas:

2.2.1 Traços Distintivos

Jakobson, Fant e Halle (1952) definem fonema como unidade mínima, como "feixe de traços distintivos (divisível em unidades menores, mas que sozinhos não tem valor)". Os traços distintivos têm por característica principal três pontos: modo de articulação, ponto de articulação e sonoridade (vozeamento). Se levarmos em conta a definição de Jakobson, podemos pensar que os vocábulos do PB possuem traços que foram outrora do francês, mas por questões de adequação ao português, foram adaptados ou suprimidos.

No PB e no francês *standard*⁴, os fonemas /e/ e /ɛ/ são considerados como [-consonantal], [+silábico] e [+soante] em palavras como 'cequim' [se'kĩ] e 'tergal' [tex'gaw] no português e *sequin* [sə'kẽ] e *tergal* ['tɛRgal] no francês. Palavras como *tergal* e *tergal*, e *sarouel* e 'saruel' apresentam, na sua transcrição fonética, a líquida /l/ e o glide /w/ em coda na última sílaba. Ambas têm traços em comum, mas o elemento diferencial é que somente /l/ é [+lateral], ou seja, o ar passa pelos lados da cavidade oral, diferentemente do glide /w/.

Se analisarmos o vocábulo francês *cache-cœur*, a presença do fonema /œ/ tem quase todos os traços distintivos iguais ao fonema /ɛ/ no português. No entanto, o único traço diferente é o [+arredondado].

As líquidas /r/ e /ʀ/ no português têm traços semelhantes, exceto o contínuo. Enquanto, /r/ é [+contínuo], /ʀ/ é [-contínuo]. A questão é que no francês o fonema que "está no lugar" dos fonemas acima /R/, além de ser [+contínuo], ele é [+alto] dos que os outros dois, ou seja, este último tem elevação da língua acima da posição neutra. Os termos 'passamanaria' [pasamana'riɐ] e *passementerie* [pɑsmɑ̃t'ʀi], por exemplo, indicam que os traços do termo francês apontam que a palavra é realizada com sons [+contínuo] e [+alto], já o termo adaptado é somente [+contínuo], pois /r/ e /ʀ/ são [-alto] e [-baixo]. Dessa forma, podemos assumir que o fonema /R/ é mais semelhante com /r/, devido ao fato de ambos serem [+contínuo].

2.2.2 Processos Fonológicos

O que caracterizei como "processo de adaptação" no capítulo anterior, nada mais é do que um processo fonológico. Faço uso desses processos como suporte para classificar o que ocorreu com os vocábulos do PB que sofreram alguma mudança fonética. Como aponta a literatura, há um paralelo entre os processos fonológicos na aquisição da linguagem, na variação dialetal e na história das línguas. Em relação aos nossos dados, estamos investigando processo fonológicos na dimensão histórica, uma vez que o fenômeno da adaptação acontece durante um largo período de tempo desde a importação até a fixação de um empréstimo numa língua-alvo. Tomaremos por base os preceitos Bisol (2005) e Silva (1999), (*apud* Câmara Jr., 2011) para estabelecer quais são os aspectos que englobam cada processo.

4 Variedade de Paris

O processo fonológico de inserção seria o acréscimo de consoante, glide ou vogal. Os processos de adição são a prótese, a inserção (epêntese) e a paragoge. Enquanto a primeira acrescenta segmento inicial, a segunda acrescenta segmento medial e a terceira acrescenta segmento final. Como exemplo, a inserção de [e] em 'cafetã'. O termo no francês era caftan. Provavelmente quando o termo chegou ao Brasil no século XV, as pessoas queriam evitar o encontro consonantal [ft], atípico na fonotática do português e, por isso, adicionaram uma vogal epentética para desfazer este encontro.

O processo fonológico de apagamento seria a supressão de consoante, glide ou vogal. Os processos de apagamento são a aférese, a síncope e a apócope. A primeira apaga o segmento inicial, a segunda medial e a terceira final.

No processo fonológico de substituição, o fonema ou o fone sofre algum tipo de alteração. Seja na vogal, na consoante, no modo, no ponto de articulação ou no vozeamento. Os processos de substituição são: assimilação, africativização, labialização, decaimento, posteriorização e sonorização.

A assimilação copia características do segmento que está próximo. Exemplo: um fone que é vozeado torna-se desvozeado: comparem-se a realização fonética da consoante [d] nos contextos grande /gʁãd/ e grand hotel [gʁãtotel], há o processo de desvozeamento [d]→[t].

Africativização é quando o fone se torna africado. Exemplos: [t]→[tʃ] e [d]→[dʒ]. Exemplo: utilitaire [ytili'te:ʁ] - utilitário [utʃili'taʁiʁ] (a oclusiva alveolar [t] torna-se africada palato alveolar [tʃ]).

A labialização é quando um segmento se torna labial. Exemplo: rolotê [rolo'te].

O decaimento é quando o fone se transforma noutro menos tenso. Ex.: tule→['tulɪ].

A posteriorização é quando o fone passa da posição anterior para a posterior. Exemplo: utilitaire [ytili'te:ʁ] - utilitário [utʃili'taʁiʁ] (a vogal alta anterior não-arredondada [y] torna-se vogal alta posterior arredondada [u]).

A sonorização é quando o som que é desvozeado se torna vozeado. Exemplo: [s]→[z]. Comparem-se o singular luz [lus] e seu plural [luzɪs] em que há o processo [s]→[z].

O processo fonológico de transposição seria a troca de segmento dentro da mesma palavra. Seja de consoantes ou vogais. Os processos de transposição são a permutação (metátese), a diástole e a sístole. Um exemplo de metátese é o espanhol *preguntar* comparado ao português 'perguntar' interessante que algumas variedades menos prestigiadas do PB também apresentam a metátese *preguntar*.

2.2.3 Relação Grafema-Fonema

Existem muitos debates em relação ao número exato de fonemas, mas, atualmente, o PB tem em torno de 34 fonemas e o francês, 36 fonemas, juntamente com suas divisões: consoantes, vogais, vogais nasais e semivogais. Por outro lado, o número de grafemas em

ambas as línguas varia entre os autores, dessa forma não indico o número aproximado ou preciso de grafemas nas duas línguas.

Os vocábulos em português não apresentaram dificuldade em relação aos grafemas. No entanto, alguns dos vocábulos do PB em francês mostram que a relação grafema-fonema não passa despercebida. A título de exemplo, usaremos o vocábulo 'gorgurão' e seu equivalente no francês *gourgouran*. O termo no português tem oito grafemas e fonemas, ou seja, os grafemas equiparam-se com as letras, já o seu equivalente, sete grafemas e sete fonemas, pois -ou representa no francês [u]. O termo 'malha' no português e seu equivalente no francês *maille* apresentam diferentes números de grafemas e fonemas. 'Malha' tem quatro grafemas, e quatro fonemas, pois -lh representa /ʎ/, já *maille* tem três grafemas e três fonemas, pois *ille* representa o glide [j].

Atente-se para o fato mencionado alhures neste trabalho de que as mudanças ortográficas por que passam os vocábulos franceses na sua adaptação ao PB servem na grande maioria dos casos para preservar a pronúncia do empréstimo o mais próximo possível de sua pronúncia original francesa.

Tendo delineado os pressupostos teóricos, passemos ao capítulo reservado à metodologia e ao *corpus*.

3 METODOLOGIA E *CORPUS*

Neste capítulo, apresentamos a metodologia que seguimos para a constituição do corpus de empréstimos do francês, que serão analisados quanto à sua adaptação fonológica no capítulo subsequente.

Como dissemos na introdução e nos pressupostos teóricos, meu objetivo é fazer um estudo dos empréstimos franceses adaptados ao português no domínio da terminologia da moda. As palavras adaptadas de uma língua para outra são chamadas na literatura de *empréstimos*, e estes pressupõem o estudo da evolução histórica. No caso, estarei olhando para a evolução dos termos da moda que tiveram origem no francês, mas que atualmente estão no português, e, para fins de comparação, também arrolar termos franceses pouco adaptados à fonética e fonologia do PB, chamados na literatura de *estrangeirismos*. A análise da fonologia dos empréstimos contará com uma organização prévia do *corpus* selecionado para pesquisa em fichas termino-etimológicas, conforme explicitaremos mais adiante ainda neste capítulo que serão construídas a partir da reunião de informações fonético-fonológicas e terminológicas.

O Dicionário eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa (doravante Houaiss) define moda como: "maneira, gênero, estilo prevalente (de vestuário, conduta, etc.), conjunto de opiniões, gostos e apreciações críticas, assim como modos de agir, viver e sentir coletivos, aceitos por determinado grupo humano num dado momento histórico, etc." Dessa maneira, a moda não é somente o modo de vestir-se, mas também um tipo de manifestação, seja cultural, social, etc.

A meu ver a França entre tantos de seus célebres atributos, é conhecida como uma das capitais mundiais da moda. Chanel, Christian Dior, Givenchy, Louis Vuitton, Yves Saint-Laurent são apenas algumas entre as importantes *maisons* de alta-costura francesas, reverenciadas em no mundo inteiro. A alta-costura nasce em Paris ainda nos meados do século XIX, com o costureiro inglês Charles Frederick Worth, que revoluciona a moda e o papel atribuído ao costureiro, tendo aberto a primeira *maison de couture* da história: a Maison Worth. Walden “menciona que Worth ditou a moda na França cento e cinquenta anos antes de John Galliano⁵” .

Desde então, a história da França e da *haute couture* confundem-se, tendo o Brasil – e o PB – recebido um influxo direto da cultura francesa ao longo do século XIX, sobretudo em função da vinda da família real e de sua corte para as terras brasileiras em 1808. Uma vez instalada no Rio de Janeiro, a família real trouxe consigo modas, gostos, costumes portugueses e suas influências europeias, entre elas a moda. Este influxo é marcado pela forte presença de revistas de moda no Brasil, presentes pelo menos desde a década de 1830. A Biblioteca Nacional disponibiliza acesso a um grande número de digitalizações das edições destas publicações sobre moda do século XIX, entre elas, *Correio das Moças* (1939-1840), A

⁵ Tradução de: Charles Frederick Worth dictated fashion in France a century and a half before Galliano.

Primavera (1861), Periódico A Mulher (1881). Apesar da crescente relevância que o fenômeno da moda tem tido nas últimas décadas, ainda não são numerosas as produções científicas com enfoque na moda na área da Terminologia da moda. A título de exemplo, para fazer a separação dos termos que compõem esta monografia, encontremos apenas duas dissertações de mestrado, uma pesquisa de especialização e um trabalho de pesquisa de uma disciplina. Logo, podemos concluir que há uma escassez de trabalhos na área acadêmica. Assim, este trabalho poderá colaborar para o aumento de produções científicas que tratam sobre esse assunto.

Um estudo sobre a diacronia da terminologia da moda no Brasil deverá aprofundar-se na catalogação destas publicações, constituição de corpus e extração dos termos. Acredito que grande parte destes termos serão de origem francesa, língua que terá influxo patente no século XIX e também marcado no século XX, porém que perderá sua força consideravelmente no século XXI pelo influxo da língua inglesa, que, hoje em dia, publica uma quantidade imensa de artigos, blogs, livros, etc. sobre moda anualmente. Uma pesquisa diacrônica sobre a terminologia da moda transcende os objetivos deste trabalho, mas acredito que a análise dos termos na sua evolução histórica/de adaptação, bem como de suas datações, em comparação com as próprias histórias do francês e do português possam servir também de subsídios para uma terminologia diacrônica da moda, que ainda está por ser feita.

O que estou tentando fazer aqui é uma terminologia diacrônica estrita de um estudo em fonética histórica, que são duas áreas muito distintas, porém que podem se ajudar mutuamente mediante os conhecimentos que permitem gerar. A terminologia diacrônica da moda nos permite ter repertoriados conjuntos lexicais de determinada época, postos em comparação com os termos/conceitos usados na atualidade. Por exemplo, a terminologia nos indica que o termo 'boné' advém do francês e todos os dicionários de língua portuguesa registram que esta palavra apresenta a variante *bonete*. A datação de Houaiss para 'boné' é século XVII enquanto para *bonete* é indicado o século XVIII. Como a palavra original é *bonnet* (existente na língua francesa pelo menos desde o século XII, como aponta o próprio Houaiss e o dicionário do *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*⁶(doravante CNRTL)), estes dados lexicográficos nos levam à seguinte conclusão sobre o percurso deste termo e suas variantes no português:

bonnet (séc. XII) || boné (séc. XVII) || bonete (séc. XVIII)

bonnet /bonɛt/ > bonete /bonɛte/ > /bonɛ/

Possivelmente, as variantes 'boné' e *bonete* conviveram por algum tempo, tendo sido a variante 'bonete' abandonada à medida que os anos foram passando. Possivelmente o *t* final de *bonnet* ainda era pronunciado no francês, senão não teria sido possível haver a adaptação

⁶ <http://www.cnrtl.fr/>

bonete, em que se pronuncia o *t* efetivamente. Quanto à variante 'boné', ela poderia ter vindo por um apagamento da última sílaba de 'bonete' ou então poderia ter sido introduzida no Brasil mais tarde, quando o *t* do final das palavras francesas já não era mais pronunciado. A dúvida aqui que persistiria é por que sua inserção tardia se a sua datação é mais antiga.

Um estudo em fonética histórica, entretanto, não me permite chegar a estas ilações que fiz a partir dos dados colhidos nos dicionários. Como Bieksiene (2005) aponta, em seu estudo *L'étude diachronique de la langue française: au niveau phonétique*, o francês é dividido em três fases históricas: francês antigo (séc. IX-XIII), francês médio (séc. XIV-XV) e francês moderno (a partir do séc. XVI), e foi na etapa do francês médio, mais precisamente séc. XIV, que o francês deixou de ter as consoantes (sobretudo as obstruentes) finais pronunciadas. Esses dados da fonética histórica me levam a reinterpretar as deduções que estava extraindo dos dados lexicográficos mais acima, considerando que a forma portuguesa 'boné' foi incorporada ao português diretamente da fala francesa, deixando sem explicação a variante *bonete*.

Recorrendo uma vez mais à lexicografia/terminologia, consultando o Dicionário da Real Academia Espanhola⁷, encontro a forma *bonete* (pouco usada atualmente) sem variantes concorrentes em espanhol, o que conduz à conclusão de que, no espanhol, a adaptação não foi via língua falada, mas com certeza a partir da escrita: *bonnet_{fr}* > *bonete_{esp}*, donde a pronúncia do *t* final (que já sabemos, há séculos não era mais pronunciado em francês). O quadro fecha-se com a conclusão de que a variante *bonete*, que consta até mesmo no século XX em documentos do PB, não foi tomada de empréstimo diretamente do francês, mas sim indiretamente via espanhol.

Com esta breve análise, quis argumentar a favor da necessidade de conjugação de esforços entre estudos (lexicológico-)terminológico-diacrônicos e os estudos em fonética histórica para a compreensão da adaptação fonológica dos empréstimos numa língua.

É desta perspectiva de trabalho que adveio a escolha metodológica de compor um *corpus* de termos da moda de origem francesa e posteriormente recolher numa ficha terminológica tanto lexicográficas/terminográficas (datações, abonações, exemplos, fontes, contextos, variantes linguísticas e terminológicas, definições) conjugadas com informações em fonética histórica (etimologias, mudança fonética (campo que denominamos de *evolução da forma*), mudanças/adaptações ortográficas (campo que denominamos *evolução da grafia*).

Apresento abaixo um exemplo deste tipo de ficha, que, em função de reunirem informações lexicológicas/terminológicas e de fonética histórica, denominamos ficha termino-etimológicas.

⁷ <http://www.rae.es/>

Tabela 2 - Exemplo de ficha termino-etimológica

Termo	mocassim
Forma francesa	<i>mocassin</i>
Etimologia francesa	1615 (<i>Mekezen</i> « chaussures, dans la langue des indigènes du Canada » (M. Lescarbot, <i>Hist. de la Nouvelle France</i> , t.IV, chap.6 ds König, p.147)
Forma portuguesa	mocassim
Datação da forma portuguesa	século XX
Etimologia portuguesa	do inglês <i>moccasin</i> (c1612) 'espécie de calçado de couro, sem salto, de solado que se prende a um semicírculo na parte superior', do algonquino <i>mockasin</i> , provocado pelo francês <i>mocassin</i> (1615 <i>mekezin</i> , 1707 <i>mocassin</i>) 'calçado de couro cru e sem salto dos índios norte-americanos'
Evolução da grafia	mocassin > mocassim
Evolução da forma	[mɔka'sɛ̃] > [moka'si]

Fonte: Luana Penêdo

Nessa ficha é apresentado como seria a análise para cada termo que tivesse origem francesa e fossem resultado de adaptação. As fichas consistirão de informações sobre área, datação, variação, termo, evolução da forma e da grafia, formas francesas e portuguesas, bem como as etimologias das duas línguas. O termo *bonnet*, como podemos observar, sofreu mudanças não somente na grafia, mas também na forma. Podemos observar também que as etimologias francesa e portuguesa são bem diferentes uma da outra. Provavelmente, nem todos os termos terão a ficha completa, ou seja, com todos os campos preenchidos, mas o importante é evidenciar processos fonológicos que caracterizam o fenômeno da adaptação, suas origens e o período provável em que tal fenômeno ocorreu.

A metodologia de trabalho partirá das fontes textuais e dicionarísticas em que baseio a busca pelos termos. Explicitarei a extração dos termos, os materiais auxiliares de pesquisa dos termos, as classificações dos termos em grupos, de acordo com a sua possível origem e os dados que neles constam, assim como os sítios que serviram de fonte para as fichas termino-etimológicas.

Começo a coleta de termos nas obras lexicográficas, fazendo uma busca de glossários de moda em português que tivessem termos em francês ou adaptados do francês. Ao todo, sete fontes foram selecionadas. Duas dentre eles são artigos acadêmicos, duas são glossários-sítios de moda na *internet*, duas são dissertações de mestrado e uma é o glossário da Revista Caras, também disponível *on-line*.

Um dos artigos utilizados faz parte do Curso de Especialização em Tradução

(CETRAD) da Universidade de São Paulo (doravante USP) e um glossário foi realizado por um grupo de alunos e publicado em 2001, sob forma de artigo para a disciplina de Prática de Tradução III: tradução de textos técnicos. Apesar da maioria dos termos serem de origem americana ou inglesa, foram encontrados aproximadamente cinco termos de origem francesa.

O outro artigo é de autoria da acadêmica Julieta Prata de Lima Dias e foi publicado no periódico *Acta Semiótica et Linguística* da Universidade Federal da Paraíba, em 2011. Com o nome de Terminologia da Moda: conceitos e definições – Universo Fashion, a autora faz um levantamento sobre a estrutura e organização dos dicionários de moda. Diferentemente do primeiro artigo mencionado, esse texto foi uma pesquisa para o Curso de Especialização de Publicidade, Propaganda e Mercado da USP.

Quanto aos dois glossários de sítios de moda, *Cor de Cravo* e *Moda com Estilo*. Em ambos os glossários foram encontrados termos franceses. Infelizmente, os sítios não fornecem nem dados sobre os autores, nem o ano de publicação, nem fontes, etimologia ou contextos de uso.

O glossário da revista *Caras*, chamado *Anuário Fashion: glossário da moda*, foi publicado em 2011. Apesar de referir-se ao ano de 2011 em matéria de tendência das roupas utilizadas nessa época, os termos ali contidos são, de alguma forma, atemporais. Entretanto, também não há informações sobre autores.

Quanto às dissertações de mestrado utilizadas, a primeira foi produzida pela mestra Eidele Maria Raimundo, aluna da Universidade de Londrina, com o título *Um Estudo Terminológico Bilingue (Português-Francês) do vocabulário da moda: subárea vestuário*. Além de trazer informações sobre a origem da moda e qual é a posição da França nesse mercado, a autora ainda faz uma análise interessante sobre Terminologia e Tradução.

Já a dissertação chamada *Glossário de Terminologias do Vestuário* foi realizada pela mestra Cleide Lemes da Silva Cruz, da Universidade de Brasília, em 2013. Ela apresenta um glossário no qual o *corpus* é originário de revistas de moda para diversos tipos de público, dicionários e glossários especializados. Para a realização do trabalho, a autora contatou especialistas em moda, um do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT) e outro da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (ABIT). No glossário, foram encontrados diversos termos de origem francesa.

Após a seleção dos materiais que formam o material de análise desta pesquisa, o processo seguinte foi a extração dos termos em francês. Nos glossários e dicionários terminológicos de moda produzidos para falantes de língua portuguesa, em geral, constam termos/empréstimos, em português, inglês, francês e italiano. Deste universo, foram selecionados os termos de origem francesa, que foram posteriormente recategorizados em dois grupos levando-se em conta um critério de sintaxe lexical: termos franceses simples e compostos.

No entanto, foi possível observar que existiam vocábulos de origem francesa que

talvez tivessem sido adaptados, justamente o foco da nossa pesquisa, os chamados empréstimos ou estrangeirismos adaptados. Com a finalidade de analisá-los, adicionei mais dois itens. São eles: termos adaptados simples e compostos.

Para encontrar a definição e a etimologia de cada termo, as ferramentas de busca que utilizei foram dicionários físicos e eletrônicos. Os dicionários físicos utilizados foram o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (doravante Aurélio), edição de 2010, e o dicionário *Le Petit Robert*, edição de 2016. Já os eletrônicos foram o Houaiss e o CNRTL. Em relação aos vocábulos que não consegui encontrar nessas ferramentas, foi necessário utilizar outras fontes que pudessem oferecer o sentido que procurava.

3.1 TERMOS FRANCESES SIMPLES E COMPOSTOS

No que tange aos termos franceses simples ou estrangeirismos propriamente ditos, levei em conta o vocábulo escrito somente em francês. As palavras adaptadas foram colocadas na lista dos termos adaptados. Para mostrar o que considereei como termo em francês, tomo como exemplo o vocábulo *griffe* [ˈgʁif]⁸. No PB, a palavra torna-se 'grife' /grife/ [ˈɡʁifɪ], pois ela passou por um processo de adaptação ortográfica que fez com que uma das letras *f* fosse suprimida e uma adaptação fonológica, que fez com que o *r* francês /ʀ/ passasse ao tepe, característico dos encontros consonantais no português, bem como um fonema /e/ fosse acrescentado ao final da palavra, tornando-a bem adaptada à morfofonologia do português, cujos nomes devem, se possível, terminal em vogal temática, *a*, *o* ou *e*. O mesmo ocorreu com o termo francês *tricot* [tʁiˈko]. A palavra também sofreu o processo de adaptação ortográfica, em que a letra *t* é suprimida e o acento circunflexo é inserido para manter a sílaba tônica na coda, assim ela tornou-se 'tricô' [tʁiˈko], além, é claro, do *r* francês passar a tepe, como mostra o exemplo abaixo:

Tabela 3 - Processos de adaptação

Termo em francês	Processo de adaptação	Termo em português
<i>griffe</i>	supressão da letra <i>f</i>	grife
<i>tricot</i>	supressão da letra <i>t</i> + acréscimo do acento circunflexo na letra <i>o</i> + <i>r</i> como tepe	tricô

Fonte: Luana Penêdo

Para definir esses termos, utilizei os dicionários Houaiss, *Le Petit Robert* e o sítio do CNRTL. Localizei 41 termos simples. Dentre eles, 29 tem a definição do CNRTL, oito do

⁸ As transcrições fonéticas em francês foram retiradas do Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL)

Houaiss, três do *Le Petit Robert*. Devido à polissemia, alguns termos foram mais difíceis de encontrar a definição do que outros. A palavra *motif* do francês, por exemplo, é polissêmica, pois ela tem o sentido de justificar algo, "elemento de ordem que incita à ação ou, de acordo com o caso, à reação"⁹ (CNRTL) ou da vestimenta, "ornamento isolado e repetido, que serve de tema decorativo"¹⁰ (*Le Petit Robert*, 2016). Da mesma forma, alguns termos também foram difíceis de obter o significado, pois, para descobrir-se o sentido, seria necessário encontrar a origem. Cito como exemplo o termo *faillete*. Como a definição não foi facilmente encontrada, percebeu-se que a palavra *faille* em francês (falha no PB) fazia parte da palavra. Logo, busquei a palavra *faille* e encontrei "tecido de seda ou raiom com grandes grãos que formam relevos"¹¹ (CNRTL). Após a localização do termo, foi possível entender o porquê de o tecido chamar-se *faillette* em francês e 'failete' em português.

Considero como termo francês composto a palavra que continha hífen e mais de um vocábulo. Assim como os termos simples, utilizei os dicionários Houaiss, *Le Petit Robert* e CNRTL. Ao todo, foram recolhidos 14 termos. Desses, 11 tem a definição do *Le Petit Robert*, dois do Houaiss e um do CNRTL. O processo de busca das palavras nos dicionários foi realizado termo a termo ou termo único. Desses, 13 são vinculados diretamente à moda, mas o termo *trompe l'œil* tem uma definição mais ampla, pois cabe em muitos outros contextos. Segundo o Houaiss, a definição de *trompe l'œil* é "estilo de criar a ilusão de objetos reais em relevo, mediante artifícios de perspectiva", ou seja, pode-se produzir a ilusão na moda, na gastronomia, na decoração, etc.

3.2 TERMOS ADAPTADOS SIMPLES E COMPOSTOS

Para analisar os vocábulos franceses que foram adaptados, foi necessário ter uma lista especialmente feita para todos os termos que tivessem alguma influência do francês. Assim, por questão de coerência e organização, decidi criar uma outra lista denominada termos adaptados simples e compostos. Classifico como adaptado, os termos que tenham origem francesa, mas que sofreram processos de adaptação e termos compostos que tenham vocábulos em dois idiomas, mas contidos no mesmo termo. Nesta parte, os materiais de pesquisa foram os dicionários físicos do Houaiss e o Aurélio, tanto para os termos simples quanto para os compostos.

Ao todo, 44 termos adaptados simples e 23 adaptados compostos foram encontrados. A maioria dos termos passou por uma mudança na grafia, sendo que a maioria sofreu adaptação tanto no nível ortográfico quando no nível fonético. A título de exemplo, o termo *plissé* [pli'se] em francês corresponde a dois vocábulos distintos em português, com ortografias e formas distintas: 'plissê' [pli'se] e 'plissado' [pli'sadʊ].

9 Tradução de: "élément d'ordre mental qui incite à agir ou, selon le cas, à réagir"

10 Tradução de: "ornement isolé ou répété, servant de thème décoratif"

11 Tradução de: "étoffe de soie ou de rayonne, à gros grains formant des côtes"

O CNRTL define *plissé* como "formar dobra, uma série de dobras em (um tecido)¹²". Enquanto 'plissê' é mais similar ao termo em francês, pois ocorre apenas a substituição do acento, mas a pronúncia permanece a mesma, já que o acento agudo no francês tem pronúncia fechada. No entanto, 'plissado' distancia-se mais do francês, pois ocorre a supressão da oxítone e o acréscimo do sufixo -ado, que deixa a palavra paroxítone por causa da mudança da vogal tônica.

Outro exemplo curioso é o termo retrô [xe'tʁo]. O Houaiss denomina o termo como "que ou o que adota estilo, comportamento, atitudes próprias do passado". Aqui o diferente não é a palavra em português, mas sim como ela era em francês. No século XIV, 'retrô' era *rétrograde* [Retʁo'gʁad], no sentido de retroceder. No entanto, no século XX, mais precisamente na década de 1970, a palavra *rétrograde* torna-se *rétro* [Re'tʁo], mas com o mesmo sentido no português. Quando analisamos 'retrô' e *rétro*, temos:

Quadro 1 - Processo de mudança na acentuação gráfica

Termo em francês	Mudança na acentuação gráfica	Termo em português
<i>rétro</i>	mudança na ortografia para manter a oxítone	retrô

Fonte: Luana Penêdo

Podemos observar na tabela acima que, assim como 'plissê' e *plissé* tiveram mudança, 'retrô' e *rétro* também tiveram, porém apenas no nível ortográfico, fato este que indica mais uma vez que os empréstimos do francês no português se dão no nível oral (da língua falada) e buscam preservar mais a forma fonética alterando a grafia para que esta evidencie a conservação da pronúncia, do que o contrário, alterar a pronúncia a partir da grafia.

As fontes de busca de definição dos termos adaptados compostos foram as mesmas dos termos adaptados simples, mas com o apoio de outros glossários (*Estilo Piti e Glossário de Termos Têxteis e Afins*). Por mais que tenha extraído 44 termos adaptados compostos, apenas seis termos apresentaram alteração do português para o francês em razão da repetição de vocábulos (crepe de malha, crepe de lã, etc.). São eles: 'cotelê', 'crepe', 'devorê', 'malha', 'plissado'/ 'plissê' e 'voal'. Seus respectivos equivalentes em francês são: *côtelé*, *crêpe*, *dévoré*, *maille*, *plissé* e *voile*. Podemos ver que a supressão e mudança na acentuação gráfica para fins de preservação da pronúncia francesa estão sempre presentes (cotelê, crepe e devorê), assim como certos processos fonológicos bem específicos, principalmente em final de palavra, posição da palavra que marca muito caracteristicamente o francês (*côtelé* - 'cotelê' e *voile* - 'voal').

¹² Tradução de: "former de plis, une série de plis dans (un tissu)"

4 ANÁLISE

Após a escolha dos termos e preparação das fichas, passemos à análise dos resultados.

4.1 TERMOS FRANCESES

Em relação aos termos franceses, foi observado que, dos 41 termos simples, 19 não são usados com a grafia do francês, assim como 14 termos compostos, sete não são usados na forma francesa. No entanto, somente os termos que tinham relação com alguma determinada região foram os que mostraram equivalência com o português. A título de exemplo, o termo *col mao*, tem como equivalente 'gola mao' ou 'gola mandarim'. Ademais, a maioria dos termos compostos que não são usados na forma francesa têm o vocábulo *col*: *col officier*, *col anglais*, *col italien*, etc.

Todos os termos franceses aparecem tais como registrados em no léxico institucionalizado. A única questão era a hifenização. Termos como *pied-de-coq*, *pied-de-poule*, *cache-col*, entre outros, também são aceitos sem hífen.

Podemos concluir que apenas a metade dos termos, sejam simples ou compostos, foram inseridos adaptados para o léxico do PB, mesmo que alguns termos tenham equivalentes no PB. Ressalte-se que os usuários destes termos são especialistas em moda dominam este vocabulário estrangeiro. Atente-se para o fato de que, mesmo depois um século após o *boom* da *haute couture*, o francês ainda continua tendo relevância na terminologia da moda, observada no grande número de termos não adaptados, estrangeirismos. Com o influxo do inglês e com certo distanciamento do século XIX, esperávamos que os termos adaptados suplantassem os termos-estrangeirismos.

Apresento aqui os 29 termos que são usados no PB:

Tabela 4 - Termos franceses utilizados no PB na sua forma francesa

cache-cœur	corset
haute couture	coulissé
pied-de-coq	culottes
pied-de-poule	failete
prêt-à-porter	foulard
ton sur ton	mouflage
trompe l'œil	organdi
bonnet	peplum
boutonnière	popeline
bustier	sautoir
cachecol	tailleur
chamois	tergal
chemise	tricot
chevron	voilette
chiffon	

Fonte: Luana Penêdo

4.2 TERMOS ADAPTADOS

Foram compilados 44 termos adaptados, em que há presença de processos fonológicos de adaptação da grafia e da forma da palavra aos padrões do português.

Segue abaixo a tabela que ajuda a explicar os processos fonológicos pelos quais eles passaram. Como critério de análise, uso os processos de adição, apagamento, substituição e transposição descritos nos pressupostos teóricos. Considero, igualmente, a mudança na grafia.

Tabela 5 - Termos adaptados (continua)

Termo no português	Termo no francês	Processo fonológico ou mudança na grafia
abrasão	abrasion	síncope da semivogal [j] e da vogal nasal [ɔ̃]; mudança na grafia, acento
acetato	acétate	mudança na grafia
boina	bonnet	substituição de vogal média baixa [ɔ] para média alta [o]; ditongação; mudança na grafia
cafetã	caftan	mudança na grafia inserção de [e], acento
casquete	casquette	apócope de /t/; africativização
colete	collet	inserção de /t/ e de [e]; africativização
cotelê	côtelé	síncope de [ə]
crepe	crêpe	inserção de [e]
echarpe	écharpe	inserção de [e]
envelope	enveloppe	substituição de vogal nasal [ɑ̃] por [ɛ̃]; síncope e apócope de [ə]; apócope de [p]
evasê	évasé	mudança na grafia
galocha	galoche	inserção de [a]
godê	godet	mudança na grafia
gorgurão	gourgouran	aférese de [u]; síncope de [o]
jabô	jabot	mudança na grafia
laise	laize	sonorização pré-vocálica; desonorização obstruente; mudança na grafia
lamê	lamé	mudança na grafia
malha	maille	mudança na grafia; substituição de semivogal [j] por líquida [λ]
mantô	manteau	mudança na grafia
mocassin	mocassin	substituição de vogal média baixa [ɔ] para média alta [o]; substituição de vogal nasal média baixa [ɛ̃] para alta [ĩ]; mudança na grafia
moda	mode	apócope de [ə]; paragoge de [a]
moletom	moleton	substituição de vogal média baixa [ɔ] para média alta [o]; substituição de vogal nasal média baixa [ɔ̃] para média alta [ø]; inserção de [e]
musselina	mousseline	aférese da vogal [o]; síncope e apócope de [ə]
paetê	pailleté	mudança na grafia
passamanaria	passementerie	supressão de [ɑ̃]; síncope e apócope de [ə]; mudança na grafia
pelerine	pélerine	síncope de [ə]
pelúcia	peluche	sonorização, mudança na grafia
pinça	pince	mudança na grafia; inserção de [a]

Tabela 5 - Termos adaptados (conclusão)

Termo no português	Termo no francês	Processo fonológico ou mudança na grafia
piquê	piqué	mudança na grafia
plataforma	plate-forme	mudança na grafia
plissado	plissé	apócope de [e]; inserção do sufixo -ado
plissê	plissé	mudança na grafia
polaina	poulaine	aférese de [u]; inserção de [u]
retrô	rétrograde	assimilação; mudança na grafia
rolotê	roulotté	aférese de [u]; apócope de [t]
sarja	serge	assimilação; mudança na grafia
saruel	sarouel	síncope de [u]
serigrafia	sérigraphie	mudança na grafia
tafetá	taffetas	síncope de /f/
tule	tulle	apócope de /l/
utilitário	utilitaire	africativização; posteriorização de [y] para [u]
vanguarda	avant-garde	permutação
viés	biais	substituição de plosiva [b] para fricativa [v]; mudança na grafia
zibelina	zibeline	síncope e apócope de [ə]

Fonte: Luana Penêdo

Quanto aos termos analisados, podemos observar que a maioria deles passou por algum tipo de processo fonológico, o resto passou por mudança na grafia ou ambos.

Os processos fonológicos mais recorrentes foram os de apagamento e de substituição. O *schwa* [ə], considerando no francês como *e caduc* ou *e muet*, foi completamente substituído por [e] no PB. Em *pélerine* [pel'ʀin], o [ə] é mudo, mas no português o fone transforma-se em [e], 'pelerine' [pele'ʀinɪ].

Os encontros consonantais foram, igualmente, suprimidos no momento da transição dos termos para o PB. Em *taffetas* (tafetá), um dos /f/ desapareceu, assim como em *casquette* (casquete) e em *tulle* (tule), em que o /t/ e /l/ são suprimidos.

É importante mencionar que quase todos os termos sofreram decaimento, sobretudo na vogal átona. Exemplo: [kas'ket] > [kas'ketɪ].

Outro resultado importante foi a mudança na grafia. Essa mudança ocorre para manter o som da palavra em francês, mas como uma escrita mais direcionada para o PB. O termo *godet*, por exemplo, conserva o mesmo som, mas o /t/ é suprimido e o termo torna-se 'godê', com o acréscimo do acento circunflexo no [e], para manter o mesmo som. Já o termo *lamé* foi necessário somente a troca de acentuação. A vogal média alta anterior

não-arredondada [e], neste caso, tem acento agudo, o que no francês isso significa uma palavra de som fechado. Como no português o acento agudo tem som aberto, representado pela vogal média baixa anterior não-arredondada [ɛ], o leitor português leria 'lamé' [la'mɛ], caso mantivéssemos a grafia do francês. Para evitar essa ocorrência, portanto, de lamé [la'me] ficou 'lamê' [la'mɛ], já que no português brasileiro o acento circunflexo torna o som fechado.

Os termos *bonnet* [bɔ'nɛt] e *biais* ['bjɛ] sofreram uma mudança drástica na grafia e no som. O equivalente do primeiro termo é 'boina' ['bojnɐ]. O que é mais perceptível nesse termo é o surgimento de um ditongo que em *bonnet* não existia. Ele sofre também um processo de substituição, de vogal média baixa [ɔ] torna-se vogal média alta [o] e o acréscimo da vogal baixa não-arredondada [a]. Já o equivalente do segundo termo é 'viés' [vi'ɛz]. O que ocorre nesse termo é a substituição de plosiva para fricativa e a perda do ditongo no termo em francês mas, a meu ver, o mais interessante é que o som permanece aberto por causa de *ais*, que na transcrição fonética em francês não é representada por uma semivogal (que mostraria a ocorrência de um ditongo), mas o fone [ɛ] que mantém-se no português.

4.3 DATAÇÃO

Muitos desses termos adaptados tiveram entrada em séculos diferentes. Alguns nos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Isso é um fator importante, pois em 1612 a 1615, a França encontrava-se presente no Brasil, pois queria colonizar o território do norte do Brasil, mais precisamente o estado do Maranhão¹³, mas foi expulsa pelos portugueses e espanhóis já presentes em território brasileiro. Já no final do século XVIII, o estado da Bahia buscava apoio militar da França por conta de uma possível emancipação política. Entretanto, em 1713 ocorreu a delimitação das fronteiras do norte do Brasil, onde a Guiana Francesa, que é de domínio francês, faz fronteira com o Oiapoque, no extremo norte do estado do Amapá. Embora não exista dados que mostrem efetivamente a presença da França no século XIX, isso não quer dizer que ela não tinha influência no Brasil, levando em consideração a transição do Reino para à República em 1822 a 1824.

Como a França esteve presente na história do Brasil, não há como negar que ela deixou marcas linguísticas em nosso país, assim como o português europeu que tem muitas semelhanças com a língua francesa, visto que ambas são línguas românicas, inclusive o PB. Isso são fatores que não podemos ignorar no momento da análise os termos adaptados.

Alguns termos mostram datações dos séculos XI, XIII, XIV, XV e XVI. Como nesses séculos a França não esteve presente em território brasileiro, só nos resta especular que esses termos já eram no usados no português europeu e quando o Brasil foi colonizado, os termos mantiveram-se na sua forma atual.

Poucos termos não oferecem datação. Isso não se apresenta como um problema, mas

¹³ O navegador e conquistador da Marinha Francesa, Daniel de la Touche, fundou a cidade de São Luís, localizada no estado do Maranhão.

seria de grande utilidade saber quando eles entraram no PB.

4.4 PADRÕES EMERGENTES

Nesta seção, analisarei os dados do corpus, vinculando os exemplos ao tipo de padrão de adaptação, conforme descrevi nos pressupostos teóricos deste trabalho. Seguirei a seguinte legenda para facilitar a visualização dos dados na análise. Acrescentarei também um quinto tipo, que é a adaptação standard, ou seja, aquele tipo em que os reparos buscam a máxima aproximação fonética entre os termos estrangeiros e vernaculares, porém seguindo as restrições do padrão português, bem como um sexto tipo, adaptação a partir da língua escrita.

Tipos de Padrões de Adaptação

Tipo 1: Problema das Múltiplas Soluções (PMS)

Tipo 2: Reparo Desnecessário (RD)

Tipo 3: Importação Diferencial (ID)

Tipo 4: Recuo ao não marcado (RNM)

Tipo 5: Adaptação Standard (AS)

Tipo: Adaptação a partir da Língua Escrita (ALE)

Quadro 2 - Análise - termos adaptados (continua)

Termos	Mudança	Reparos	Padrão de Adaptação
1. abrasion > abrasão	[abRa'zjǔ] > [abr a'zẽw̃]	[R] → [r]; [jǔ] → [ẽw̃]	Tipo 5: AS
2. acetate > acetato	[ase'tat(ə)] > [ase'tatʊ]	[ə] → [ʊ]	Tipo 4: RNM
3. avant-garde > vanguarda	['avǔ'gaRd] > [vẽ'gwaxdɐ]	[ə] → [ɐ]	Tipo 4: RNM
4. biais > viés	[bjɛ] > [vi'ɛz]	[b] → [v]	Tipo 6: ALE
5. bonnet > boné	[bɔ'nɛ] > [bo'nɛ]	[ɔ] → [o]	Tipo 5: AS
6. caftan > cafetã	[kaftǔ] > [kafɛ'tẽ]	Epêntese de [e]	Tipo 5: AS
7. casquette > casquete	[kas'ket(ə)] > [kas'ketʃ]	[ə] → [ʃ]	Tipo 5: AS
8. collet > colete	[kɔ'lɛ] > [ko'letʃ]	[ɔ] → [o]	Tipo 6: ALE
9. côtelé > cotelê	[kɔt'le] > [kote'le]	Epêntese de [e]	Tipo 5: AS
10. crêpe > crepe	['kRɛp(ə)] > ['krɛpʃ]	[R] → [r]; [ə] → [ʃ]	Tipo 5: AS
11. écharpe > echarpe	[e'ʃaRɔ(ə)] > [e'ʃaxpʃ]	[ə] → [ʃ]	Tipo 5: AS
12. enveloppe > envelope	[ǔv'lɔp(ə)] > [ẽve'lɔpʃ]	[ǔ] → [ẽ]; [ə] → [ʃ]	Tipo 6: ALE
13. évasé > evasê	[evɑ'ze] > [eva'ze]	[ɑ] → [a]	Tipo 5: AS
14. galoche > galocha	[ga'lɔʃ(ə)] > [ga'lɔʃɐ]	[ə] → [ɐ]	Tipo 4: RNM
15. godet > godê	['gɔdɛ] > [go'dɛ]	[ɔ] → [o]; [ɛ] → [ɛ]	Tipo 5: AS
16. gourgouran > gorgorão	[guRgu'Rǔ] > [goxgo'rẽw̃]	[u] → [o]; [ǔ] → [ẽw̃]	Tipo 5: AS
17. jabot > jabô	[ʒa'bo] > [ʒa'bo]	Sem alterações segmentais.	Tipo 5: AS
18. laize > laise	['le:z(ə)] > ['lɛzʃ]	[ə] → [ʃ]	Tipo 5: AS
19. lamé > lamê	[la'mɛ] > [la'mɛ]	Sem alterações segmentais.	Tipo 5: AS
20. maille > malha	[ma'j(ə)] > [ma'ʎɐ]	[j] → [ʎ] (RNM); [ə] → [ɐ] (RNM)	Tipo 4: RNM
21. manteau > mantô	[mǔ'to] > [mẽ'to]	[ǔ] → [ẽ]	Tipo 5: AS
22. mocassin > mocassim	[mɔka'sɛ] > [moka'si]	[ɔ] → [o] (AS); [ɛ] → [i] (ALE)	Tipo 5: AS; Tipo 6: ALE
23. mode > moda	['mɔd(ə)] > ['mɔdɐ]	[ə] → [ɐ]	Tipo 4: RNM

Quadro 2 - Análise - termos adaptados (continuação)

Termos	Mudança	Reparos	Padrão de Adaptação
24. molleton > moletom	[mɔ'lɛ̃] > [mole'tõ]	[ɔ] → [o]; epêntese de [e]; [ẽ] → [õ]	Tipo 5: AS
25. mousseline > musselina	[mus'lin(ə)] > [mus'linɐ]	[ə] → [ɐ]	Tipo 4: RNM
26. pailleté > paetê	[paj'te] > [pae'te]/ [pae'te]	[aj] → [a.e] (hiato)	Tipo 2: RD
27. passementerie > passamanaria	[pɑsmãt'ri(ə)] > [pasɐmɛna'riɐ]	[ɑ] → [a] (AS); [ə] → [ɐ] (RNM); [mã.n.t'ri(ə)] → [mɐ.na.'ri.ɐ] (ressilação); [t'ri(ə)] → [ri.ɐ] (simplificação do encontro consonantal) (RD)	Tipo 5: AS; Tipo 4: RNM; Tipo 2: RD
28. pélerine > pelerine	[pel'rin(ə)] > [pele'riɪ]	Epêntese de [e]; [ə] → [ɪ]	Tipo 5: AS
29. peluche > pelúcia	[pə'lyʃ(ə)] > [pel'usjɐ]	[ə] → [ɐ] (AS); [y] → [u] (AS); [ʃ] → [sj] (RD); [ə] → [ɐ] (RNM)	Tipo 5: AS; Tipo 2: RD; Tipo 4: RNM30
30. pince > pinça	['pẽs(ə)] > ['pise]	[ẽ] → [i] (AS); [ə] → [ɐ] (RNM)	Tipo 5: AS; Tipo 4: RNM
31. piqué > piquê	[pi'ke] > [pi'ke]	Sem alterações.	Tipo 5: AS
32. plate-forme > plataforma	[plat'fɔʀm] > [plata'fɔxmɐ]	[ə] → [ɐ] (RNM)	Tipo 4: RNM
33. plissé > plissado	[pli'se] > [pli'sadɔ]	Tradução do particípio.	Tipo 6: ALE
34. plissé > plissê	[pli'se] > [pli'se]	Sem alterações.	Tipo 5: AS
35. poulaine > polaina	[pu'lɛn] > [po'lajnɐ]	[ɛn] → [aj]	Tipo 6: ALE
36. rétrograde > retrô	[Re'tʀɔgʀad] > [xe'tʀo]	Sem alterações.	Tipo 5: AS
37. roulotté > rolotê	[Ru'lɔte] > [ro'lote]	[u] → [o]; [ɔ] → [o]	Tipo 5: AS
38. sarge > serge > sarja	['saʀʒ] > ['saxʒɐ]	[ə] → [ɐ] (RNM)	Tipo 4: RNM
39. sarouel > saruel	[sa'ʀwɛl] > [sar'wɛw]	[l] → [w] (AS); [ʀ] → [r] (ALE)	Tipo 5: AS; Tipo 6: ALE

Quadro 2 - Análise - termos adaptados (conclusão)

Termos	Mudança	Reparos	Padrão de Adaptação
40. sérigraphie > serigrafia	['seRigRafĩ] > [se'rigra'fiɐ]	[R] → [r] (ALE) [ə] → [ɐ] (RNM)	Tipo 6: ALE; Tipo 4: RNM
41. taffetas > tafetá	[taf'ta] > [tafe'ta]	Epêntese de [e]	Tipo 5: AS
42. tulle > tule	['tyl(ə)] > ['tulɪ]	[ə] → [ɪ]	Tipo 5: AS
43. utilitaire > utilitário	[ytili'tɛ:R] > [ut'fili'tar iʊ]	[y] → [u]; tradução do termo pela troca de morfema sufixal	Tipo 5: AS
44. zibeline > zibelina	[ziblin] > [zibe'linɐ]	Epêntese de [e] (AS); [ə] → [ɐ] (RNM)	Tipo 5: AS; Tipo 4: RNM

Fonte: Luana Penêdo

Compilando os resultados da análise da tabela, temos a seguinte distribuição das ocorrências do corpus em relação aos padrões de adaptação de empréstimos:

Tabela 6 - Padrão de Adaptação

Tipo de Padrão de Adaptação	Nº de Ocorrências no Corpus
Tipo 2: Reparo Desnecessário (RD)	3
Tipo 3: Importação Diferencial (ID)	0
Tipo 4: Recuo ao não marcado (RNM)	13
Tipo 5: Adaptação Standard (AS)	29
Tipo 6: Adaptação a partir da Língua Escrita (ALE)	8

Fonte: Luana Penêdo

Desta tabela, podemos constatar uma hipótese que veio se firmando ao longo deste trabalho, de que a importação de termos franceses se deu muito mais frequentemente a partir do nível oral (da língua falada) do que da língua escrita, ainda que esta também influencie a adaptação dos empréstimos.

As estratégias de reparo que convergem para o padrão do português, buscando máxima aproximação com o padrão francês foram as mais recorrentes, como era de se esperar.

Caberia um olhar mais detido, talvez em próximos estudos, sobre os reparos desnecessários, ainda que raros, são desafiadores para uma interpretação da razão por que acontecem. Apesar de Houaiss apenas registrar que *pelúcia* advenha provavelmente do italiano *peluche* ou do francês *peluche*, o que faz com que esta adaptação entre imediatamente na categoria de reparo desnecessário, outras fontes, que não usamos neste trabalho, como *Wiktionary.com* aponta o influxo da palavra italiana *peluzzo*, o que explicaria a formação do termo adaptado em português e o retiraria da classificação de reparo desnecessário. Outra possibilidade é que o Houaiss tenha anotado equivocadamente o termo italiano, sendo este

peluzzo, e não *peluche*, como consta. De todas as formas, a verificação de reparos desnecessários mais uma vez aponta para a necessidade de conjugação da lexicologia e terminologia diacrônicas com a fonética e fonologia histórica para resolver-se a trama da evolução da forma de muitos dos termos que estamos estudando.

Em relação à categoria múltiplas soluções para um mesmo problema, não cabe ser anotada ponto a ponto da análise, porque necessitamos da análise completa para observar se houve mais de uma estratégia de reparo para o mesmo fenômeno linguístico. O fenômeno em questão que mais frequentemente ocorre no *corpus* é o do *schwa* [ə], que é um fonema em potencial, que advém historicamente de um [e] pleno, que, por sua vez, advém do sufixo nominal característico da 3ª. declinação latina. Como já mencionado, o francês neutralizou a 1ª. (em *a*), a 2ª. (em *o*) e a 3ª. (em *e*) declinações para um único sufixo nominal: *e*, que mais tarde evoluiu para um *schwa*, que, na fala contemporânea muitas vezes está zerado. Esquemáticamente, teríamos estas duas situações, comparando-se o francês e o português:

Tabela 7 - Problemas com múltiplas soluções

Latim	Francês antigo	Francês moderno	Francês contemporâneo
[a]			
[o]	[e]	[ə]	∅
[e]			
Latim	Português antigo	Português moderno	Português contemporâneo
[a]	[a]	[e]	[e]
[o]	[o]	[ɔ]	[ɔ]
[e]	[e]	[ɪ]	[ɪ]

Fonte: Luana Penêdo

Por isso, ocorre com frequência na análise um recuo ao paradigma não marcado do português para [e] ou para [ɔ], quando esperaríamos sempre [ɪ]. Isto faz com que tenhamos também para este caso mais de uma solução para o mesmo problema de adaptação, em função de que o português foi em sua história mais conservador de suas vogais temáticas nominais, ora buscando adaptar par *a*, ora para *e* e ora para *o*.

A título de demonstração, apresento a mesma tabela acima, só que com exemplos:

Tabela 8 - PMS exemplos

Latim	Francês antigo	Francês moderno	Francês contemporâneo
[a]	[lɛtrɛ]	[lɛtrə]	[lɛtʁ]
[o]	[voire]	[vɛrə]	[vɛʁ]
[e]	[œvelɔpe]	[œvlɔpə]	[œvlɔp]
Latim	Português antigo	Português moderno	Português contemporâneo
[letra]	[letra]	[letrɐ]	[letrɐ]
[vidro]	[vidro]	[vidrɔ]	[vidrɔ]
[êvelɔpe]	[êvelɔpe]	[êvelɔpɪ]	[êvelɔpɪ]

Fonte: Luana Penêdo

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por objetivo analisar os termos da moda em francês que mantiveram seus equivalentes em francês ou que tiveram passagem pelo francês, mas que atualmente estão com na grafia em português.

Para isso foi elaborado um material com glossários de moda de diferentes origens (acadêmico, jornalístico, etc.) para obter os termos franceses e adaptados e a construção de um corpus para verificar se os termos franceses eram utilizados no português.

Os critérios de análise foram as áreas da Terminologia e Fonologia, com passagem pela Etimologia. A primeira área serviu de auxílio para a criação de fichas terminológicas que pudessem ajudar a entender a utilização dos galicismos no âmbito da moda. Já a segunda, para entender como os termos franceses foram adaptados e quais mudanças ocorreram neles no momento da entrada para o PB. A terceira, para estabelecer os termos que, de fato, eram de origem francesa. Para isso, foi criado fichas termino-etimológicas para observar se eram mesmo de origem francesa e para verificar a datação desses termos.

Uso os preceitos de Padrões Emergentes estabelecidos por Kang (2011), como também os preceitos de Processos Fonológicos, baseado em Bisol (2005) e Silva (1999) apud Câmara Jr. (2011).

Nos termos franceses foi observado que a metade deles foi mantida no francês e a outra não, a forma portuguesa é utilizada. Provavelmente, aconteceu um processo de transformação desses termos em que a forma francesa não era mais necessária.

Nos termos adaptados foi observado o contrário. Todos os termos extraídos, além de terem passagem pelo português, sofreram mudanças que mantinham ou não a mesma sonoridade do francês e quase a mesma grafia.

Para o futuro, aponta-se como recomendável uma expansão do número de empréstimos a serem analisado, incorporando-se à pesquisa outros campos lexicais / linguagens de especialidade.

Acredito que esta monografia poderá ajudar pessoas interessadas nas áreas da Moda, Terminologia, entre outras. Tenho o desejo de aprofundar os estudos em terminologia diacrônica, fonética histórica e língua francesa para descobrir a presença de galicismos em outras áreas e contextos. Como acadêmica de Tradução, mas como um grande interesse na fonologia do francês, quero saber mais como a fonologia do francês afeta os textos técnicos e científicos e o que ela pode contribuir para o tradutor francês-português, assim como para o terminólogo no âmbito da Lexicografia e Tradução.

No próximo capítulo apresento as fichas termino-etimológicas. Considero que elas façam parte de um tipo de glossário - criado indiretamente - e que talvez elas possam ser úteis para qualquer pessoa que tenha interesse em saber sobre mais sobre os empréstimos e a evolução de alguns termos de origem francesa.

6 FICHAS TERMINO-ETIMOLÓGICAS

Apresento as fichas termino-etimológicas que produzi para os termos híbridos.

Tabela 9 - Ficha termino-etimológica - abrasão

Termo	abrasão
Forma francesa	<i>abrasion</i>
Etimologia francesa	Corresp. rom. : cat. abradió; ital. abradione. 1. 1611 « action d'enlever en frottant la surface de qqc. » (André du Chesne, Controverses magiques, 836 ds Quem. : Le rebaptisement et l'abrasion du saint Chresme ou conformation de dessus leur front)
Forma portuguesa	abrasão
Datação da forma portuguesa	1835
Etimologia portuguesa	do latim abradō, ōnis no sentido de 'ação de tirar raspando', talvez sob influência do francês abrasion (1611)
Evolução da grafia	abrasion > abrasão
Evolução da forma	[abRa'zjõ] > [abr'a'zẽw]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 10 - Ficha termino-etimológica - acetato

Termo	acetato
Forma francesa	<i>acétate</i>
Etimologia francesa	1787 chimique Dér. du lat. acetum « vinaigre »; suff. -ate*, suff. spécifique des sels dans la nomenclature chimique
Forma portuguesa	acetato
Datação da forma portuguesa	1801
Etimologia portuguesa	do francês acétate (1787) 'sal formado pela combinação do ácido acético com diferentes bases'
Evolução da grafia	acétate > acetato
Evolução da forma	[ase'tat] > [ase'tatʊ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 11 - Ficha termino-etimológica - boina

Termo	boina
Forma francesa	<i>bonnet</i>
Etimologia francesa	1751 Orig. douteuse. Peut-être issu du lat. médiév. <i>abonnis</i> « bandeau servant de coiffure » (vies., <i>Pactus legis salicae</i> , éd. Eckhardt, t. 2, 2, p. 420: <i>obbonis</i> , var. <i>abonnis</i>), d'orig. obsc.
Forma portuguesa	boina
Datação da forma portuguesa	1899
Variante da forma portuguesa	boné
Datação da variante	1608
Etimologia portuguesa	do espanhol <i>boina</i> (1843) (no sentido definido), do basco e provavelmente ligado ao mesmo radical do francês <i>bonnet</i> , português boné
Evolução da grafia	bonnet > boné > boina
Evolução da forma	[bɔ'nɛt] > [bo'nɛ] > ['bojnɐ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 12 - Ficha termino-etimológica - cafetã

Termo	cafetã
Forma francesa	<i>caftan</i>
Etimologia francesa	1546 <i>caftan</i> (Ant. Geuffroy, <i>Description de la cour du grand Turc</i> , éd. Schefer, 228 cité par Delboulle dans <i>R. Hist. litt. Fr.</i> , t. 6, p. 287). Empr. au turc <i>qaftān</i> « robe d'honneur », lui-même empr. au persan <i>hāftān</i> « sorte de vêtement militaire ».
Forma portuguesa	cafetã
Datação da forma portuguesa	1627
Etimologia portuguesa	do francês <i>caftan</i> (1537) 'rica vestimenta oriental em forma de capa longa, que os soberanos ofereciam, em dias de cerimônia, às personalidades de condição elevada', derivado do turco <i>qaftān</i> , no sentido de 'veste de honra'
Evolução da grafia	<i>caftan</i> > <i>cafetã</i>
Evolução da forma	[kaf'tã] > [kaf'e'tẽ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 13 - Ficha termino-etimológica - casquete

Termo	casquete
Forma francesa	<i>casquette</i>
Etimologia francesa	1813 subst. « coiffure à visière » (Jouy, <i>L'Hermite de la Chaussée d'Antin</i> , t. 4, p. 99)
Forma portuguesa	casquete
Datação da forma portuguesa	século XV
Etimologia portuguesa	do francês <i>casquette</i> no sentido de 'boné'; este vocábulo no francês é documentado somente em 1813, na acepção 'cobertura da cabeça com viseira'
Evolução da grafia	<i>casquette</i> > <i>casquete</i>
Evolução da forma	[kas'ket] > [kas'ketʃ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 14 - Ficha termino-etimológica - colete

Termo	colete
Forma francesa	<i>collet</i>
Etimologia francesa	a) 1280 « partie d'un vêtement située autour du cou » (<i>Clef d'Amour</i> , éd. Doutrepoint, 350); b) 1490 « sorte de petit manteau » (<i>9^e Compte du roy. de P. Briconnet</i> , fol. 37 vods Barb. Misc. 11, n. 19)
Forma portuguesa	colete
Datação da forma portuguesa	1515
Etimologia portuguesa	do francês <i>collet</i> (1280) 'gola, colarinho', (1490) 'espécie de pequeno manto', diminutivo de <i>col</i> no sentido de 'pescoço'
Evolução da grafia	<i>collet</i> > colete
Evolução da forma	[kɔ'le] > [ko'letʃ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 15 - Ficha termino-etimológica - cotelê

Termo	cotelê
Forma francesa	<i>côtelé</i>
Etimologia francesa	adj.attest. [Ca 1225 (ms.) <i>côtelé</i> sens obscur « équarri (d'une massue)? » (<i>Aliscans</i> , 124 ds T.-L.); 2 ^e moitié xiv ^e s. <i>costele</i> « muni de côtes (en parlant d'une aiguille) » (<i>Modus et Ratio</i> , éd. G. Tilander, § 112, 6); de <i>côte</i> , suff. -é* élargi en -elé.
Forma portuguesa	cotelê
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	do francês <i>côtelé</i> (1225) 'que tem nervuras longitudinais salientes', derivado do francês <i>côte</i> no sentido de 'flanco, lado, parte em relevo de um objeto'
Evolução da grafia	<i>côtelé</i> > cotelê
Evolução da forma	[kɔ'te] > [kote'le]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 16 - Ficha termino-etimológica - crepe

Termo	crepe
Forma francesa	<i>crêpe</i>
Etimologia francesa	Substantivation de l'adj. a. fr. <i>cresp</i> , <i>crespe</i> « frisé, bouclé » (av. 1105 judéo-fr. <i>crespes</i> [?] masc. plur., <i>Raschi Blondh.</i> , n ^o 273)
Forma portuguesa	crepe
Datação da forma portuguesa	1704
Etimologia portuguesa	do francês <i>crêpe</i> (1285) 'ornato de cabeça feito com tecido de fio retorcido', substantivado do adjetivo do francês antigo <i>crep(e)</i> no sentido de 'enrugado, torcido'
Evolução da grafia	<i>crêpe</i> > crepe
Evolução da forma	[ˈkʁɛp] > [ˈkɾɛpɪ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 17 - Ficha termino-etimológica - echarpe

Termo	echarpe
Forma francesa	<i>écharpe</i>
Etimologia francesa	a) Ca 1135 <i>escharpe</i> « panetière, sacoche (de pèlerin) » b) 1306 <i>escherpe</i> « large bande d'étoffe que l'on porte obliquement, d'une épaule à la hanche opposée » (G. Guiart, <i>Royaux Lignages</i> , éd. L. Delisle et N. de Wailly, 20038); c) 1549 « bandage passé autour du cou ou porté en bandoulière, qui sert à soutenir l'avant-bras » (Est.);
Forma portuguesa	echarpe
Datação da forma portuguesa	1951
Etimologia portuguesa	do francês <i>écharpe</i> (sXII) 'bolsa, sacola de peregrino', (sXV) 'faixa larga de tecido que serve de insígnia, usado em geral do ombro direito ao quadril esquerdo'
Evolução da grafia	<i>écharpe</i> > echarpe
Evolução da forma	[eˈʃaʁp] > [eˈʃaxpɪ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 18 - Ficha termino-etimológica - envelope

Termo	envelope
Forma francesa	<i>enveloppe</i>
Etimologia francesa	a) 1292 « ce qui enveloppe » B. 1663 « ce qui cache, recouvre » (Molière, <i>Critique de l'École des Femmes</i> , scène 3)
Forma portuguesa	envelope
Datação da forma portuguesa	1888
Etimologia portuguesa	do francês <i>enveloppe</i> (1292) 'o que serve para envolver, invólucro, contorno'
Evolução da grafia	<i>enveloppe</i> > envelope
Evolução da forma	[ãv'lop] > [ẽve'lopɪ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 19 - Ficha termino-etimológica - evasê

Termo	evasê
Forma francesa	<i>évasé</i>
Etimologia francesa	Fin xiv ^{es} . [date du ms.] <i>esvaser</i> « creuser » (Modus, éd. G. Tilander, 28, 70, Leçon du ms. C). Dér. de <i>vase*</i> ; préf. <i>é-*</i> ; dés. <i>-er</i> .
Forma portuguesa	evasê
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	do francês <i>évasé</i> (fim do sXIV) 'alargar-se na extremidade', de <i>vase</i> no sentido de 'vaso'
Evolução da grafia	<i>évasé</i> > evasê
Evolução da forma	[evɑ'ze] > [eva'ze]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 20 - Ficha termino-etimológica - galocha

Termo	galocha
Forma francesa	<i>galoche</i>
Etimologia francesa	1263 forme latinisée plur. <i>caloges</i> , Troyes (ds <i>Mél. Wartburg (W. von)</i> , 1968, t. 2, p. 213); cf. le dér. <i>galochier</i> « fabricant de galoches » 1292 ds DG
Forma portuguesa	galocha
Datação da forma portuguesa	século XIV
Etimologia portuguesa	do francês <i>galoche</i> (1263) 'calçado de couro e de sola de madeira que se usa sobre chinelos ou calçados para protegê-los'; p.ext. 'calçados grosseiros de couro, de sola grossa de madeira, que protegem do frio e da umidade'
Evolução da grafia	<i>galoche</i> > galocha
Evolução da forma	[ga'lɔʃ] > [ga'lɔʃɐ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 21 - Ficha termino-etimológica - godê

Termo	godê
Forma francesa	<i>godet</i>
Etimologia francesa	Ms. de la 1 ^{re} moitié du xiv ^e s. « petit vase à boire sans pied ni anse » (<i>Le Dit de Ménage ds Poèmes français sur les biens d'un ménage</i> , éd. U. Nyström, III, 149)
Forma portuguesa	godê
Datação da forma portuguesa	século XX
Etimologia portuguesa	do francês <i>godet</i> (sXIV) 'pequeno recipiente para bebida, desprovido de pé e de asa'
Evolução da grafia	<i>godet</i> > godê
Evolução da forma	[gɔdɛ] > [go'dɛ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 22 - Ficha termino-etimológica - gorgorão

Termo	gorgorão
Forma francesa	<i>gourgouran</i>
Etimologia francesa	1751 (Savary). Empr. et altération de l'angl. <i>grogram</i> qui est lui-même empr., avec différentes altérations dues à la prononc., au fr. <i>gros grain</i> spécialisé en Angleterre pour désigner un tissu grossier à base de soie brute (dep. 1562 ds NED), (cf. A. <i>Thomas ds Romania</i> t. 26, p. 428)
Forma portuguesa	gorgorão
Datação da forma portuguesa	1596
Etimologia portuguesa	do francês <i>gourgouran</i> (1723) (no sentido definido)
Evolução da grafia	<i>gourgouran</i> > gorgorão
Evolução da forma	[guRgu'Rã] > [goxgo'rẽw]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 23 - Ficha termino-etimológica - jabô

Termo	jabô
Forma francesa	<i>jabot</i>
Etimologia francesa	1680 « ornement de dentelle attaché sur l'ouverture de la chemise au-dessous de la gorge » (Rich. : en ce sens est presque hors d'usage, et même quand il avoit grand cours il ne se disoit qu'en riant)
Forma portuguesa	jabô
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	do francês <i>jabot</i> (1680) (no sentido definido), prov.emprt. aos falares da parte setentrional do domínio occitânico
Evolução da grafia	<i>jabot</i> > jabô
Evolução da forma	[ʒa'bo] > [ʒa'bo]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 24 - Ficha termino-etimológica - lamê

Termo	lamê
Forma francesa	<i>lamé</i>
Etimologia francesa	1532 <i>lamé</i> adj. (<i>R. des Sociétés savantes</i> , t. 4, 6 ^ª série, 1876, p. 254 : robe de drapt d'or frizé frizenée et <i>lamée</i> d'argent)
Forma portuguesa	lamê
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	do francês <i>lamé</i> (1532) substantivado. na expressão (tissu) <i>lamé</i> no sentido de '(tecido) feito com ou ornado de lâminas (metálicas)', de <i>lame</i> no sentido de 'lâmina, chapa, folha delgada de metal'
Evolução da grafia	lamé > lamê
Evolução da forma	[la'me] > [la'me]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 25 - Ficha termino-etimológica - malha

Termo	malha
Forma francesa	<i>maille</i>
Etimologia francesa	fin xii ^ª s. «chacune des petites boucles de matière textile dont l'entrelacement forme un tissu lâche» (Béroul, <i>Tristan</i> , éd. E. Muret, 3726)
Forma portuguesa	malha
Datação da forma portuguesa	século XIII
Etimologia portuguesa	do francês <i>maille</i> no sentido de 'laçada, anel, mancha'
Evolução da grafia	maille > malha
Evolução da forma	[ma'j] > [ma'ʎe]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 26 - Ficha termino-etimológica - mantô

Termo	mantô
Forma francesa	<i>manteau</i>
Etimologia francesa	Fin x ^{és} . <i>mantel</i> « vêtement qui pend depuis les épaules jusqu'au dessous des genoux et que l'on met par-dessus tous les autres habits » (<i>Passion</i> , éd. D'Arco Silvio Avalle, 22)
Forma portuguesa	mantô
Datação da forma portuguesa	1708
Etimologia portuguesa	do francês <i>manteau</i> (fim do sX sob a forma <i>mantel</i>) 'vestimenta que se coloca por cima de outra'
Evolução da grafia	<i>manteau</i> > mantô
Evolução da forma	[mã'to] > [mẽ'to]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 27 - Ficha termino-etimológica - mocassim

Termo	mocassim
Forma francesa	<i>mocassin</i>
Etimologia francesa	1615 (<i>Mekezen</i> « chaussures, dans la langue des indigènes du Canada » (M. Lescarbot, <i>Hist. de la Nouvelle France</i> , t.IV, chap.6 ds König, p.147)
Forma portuguesa	mocassim
Datação da forma portuguesa	século XX
Etimologia portuguesa	do inglês <i>moccasin</i> (c1612) 'espécie de calçado de couro, sem salto, de solado que se prende a um semicírculo na parte superior', do algonquino <i>mockasin</i> , provocado pelo francês <i>mocassin</i> (1615 <i>mekezin</i> , 1707 <i>mocassin</i>) 'calçado de couro cru e sem salto dos índios norte-americanos'
Evolução da grafia	<i>mocassin</i> > mocassim
Evolução da forma	[mɔka'sẽ] > [moka'si]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 28 - Ficha termino-etimológica - moda

Termo	moda
Forma francesa	<i>mode</i>
Etimologia francesa	ca 1393 « manière collective de vivre, de penser propre à un pays, à une époque » (<i>Ménagier</i> , éd. Sté Bibliophiles fr., t.2, p.185: Poucins [...] à la mode Lombarde)
Forma portuguesa	moda
Datação da forma portuguesa	1647
Etimologia portuguesa	do francês <i>mode</i> (sXV) 'modo', originário vocábulo feminino em fr., do latim <i>modus</i> ,i que tem como significado geral 'medida', e daí, 'medida de superfície, medida agrária (<i>modus agri</i>), medida que não se deve ultrapassar, moderação, meio termo, comedimento, medida rítmica, cadência, compasso musical, limite, maneira de (se) conduzir ou de (se) dirigir, maneira de fazer'
Evolução da grafia	mode > moda
Evolução da forma	['mɔd] > ['mɔdɐ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 29 - Ficha termino-etimológica - moletom

Termo	moletom
Forma francesa	<i>molleton</i>
Etimologia francesa	1664 (<i>Tarif. ds DG</i>). Dér. de <i>mollet</i> * (cf. a.fr. <i>mollé</i> subst. masc. désignant une étoffe, <i>Arch. mun. Douai</i> , AA 93, fo47, vods Gdf. et <i>molete</i> subst. fém. désignant un vêtement, <i>Vies des Hermites</i> , ms. Lyon 698, fo12 ro, <i>ibid.</i>); suff. -on*.
Forma portuguesa	moletom
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	do francês molleton (1664) 'tecido macio de lã ou algodão', derivado do diminutivo fr. mollet no sentido de 'mole e suave ao tato'
Evolução da grafia	molleton > moletom
Evolução da forma	[mɔl'tõ] > [mole'tõ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 30 - Ficha termino-etimológica - musselina

Termo	musselina
Forma francesa	<i>mousseline</i>
Etimologia francesa	1298 <i>mosulin</i> « drap d'or et de soie fabriqué à Mossoul » (<i>Marco Polo</i> , éd. L. F. Benedetto, p. 18), attest. isolée. a) 1656 mousseline « légère étoffe de coton » (<i>La Mesnardière, Poésies</i> , 80-81 ds Brunot t. 3, p. 222)
Forma portuguesa	musselina
Etimologia portuguesa	do francês mousseline (1298 mosulin no sentido de 'tecido de ouro e seda', 1656 mousseline no sentido de 'tecido leve de algodão')
Evolução da grafia	mousseline > musselina
Evolução da forma	[mus'lin] > [mus'linɐ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 31 - Ficha termino-etimológica - paetê

Termo	paetê
Forma francesa	<i>pailleté</i>
Etimologia francesa	Ca 1380 « orné de paillettes » (Jean Cuvelier, <i>Du Guesclin</i> , 4841 ds T.-L.)
Forma portuguesa	paetê
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	do francês pailleté (1380) 'ornado de lentejoulas'
Evolução da grafia	pailleté > paetê
Evolução da forma	[paj'te] > [paj'te]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 32 - Ficha termino-etimológica - passamanaria

Termo	passamanaria
Forma francesa	<i>passementerie</i>
Etimologia francesa	1539 « toutes les sortes de passements que l'on emploie pour les vêtements, l'ameublement » (Doc. ds Mém. de la Sté d' <i>hist. de Paris et de l'Île-de-France</i> , t.23, p.244); rare aux xvii ^e -xviii ^e s., puis dep. le xix ^e s. 1831 (Balzac, <i>Peau chagr.</i> , p.209)
Forma portuguesa	passamanaria
Datação da forma portuguesa	1836
Etimologia portuguesa	do francês passementerie (1539) 'conjunto de passamanes (fr. passement)
Evolução da grafia	passementerie > passamanaria
Evolução da forma	[pas̃mãt'ri] > [pas̃mãna'riɐ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 33 - Ficha termino-etimológica - pelerine

Termo	pelerine
Forma francesa	<i>pélerine</i>
Etimologia francesa	1765 « fichu d'étoffe légère servant à masquer le décolleté des robes » (<i>Encyclop.</i>); a) 1806 « collet de femme ne couvrant que les épaules et la poitrine » (<i>Journ. des dames, Modes</i> , p.20 ds Brunot t.10, p.896); 1830 (Balzac, <i>Bal Sceaux</i> , p.134); id. (Stendhal, <i>Rouge et Noir</i> , p.42); b) 1846 « manteau sans manche pourvu d'un capuchon, porté par les hommes et les garçons » (Baudel., <i>Salon</i> , p.157)
Forma portuguesa	pelerine
Datação da forma portuguesa	século XX
Etimologia portuguesa	do francês <i>pélerine</i> (1765) 'fichu de tecido leve usado para encobrir o decote dos vestidos'; (1806) 'gola feminina que cobre apenas os ombros e o peito'; (1846) 'mantô com capuz e sem mangas, usado por homens ou meninos'; (1851) 'gola removível usada por homens e mulheres'
Evolução da grafia	<i>pélerine</i> > pelerine
Evolução da forma	[pel'ʀin] > [pele'ʀini]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 34 - Ficha termino-etimológica - pelúcia

Termo	pelúcia
Forma francesa	<i>peluche</i>
Etimologia francesa	1591 « étoffe de soie analogue au velours, mais moins ras » <i>neuf aulnes peluche noire</i> (<i>Arch. nat.</i> , KK 147, f ^o 18 v ^o ds Gay)
Forma portuguesa	pelúcia
Datação da forma portuguesa	1789
Etimologia portuguesa	provavelmente por influência do italiano <i>peluche</i> (1765) ou do FR <i>peluche</i> (1591)
Evolução da grafia	<i>peluche</i> > pelúcia
Evolução da forma	[pə'lyʃ] > [pel'usie]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 35 - Ficha termino-etimológica - pinça

Termo	pinça
Forma francesa	pince
Etimologia francesa	1768 subst. masc. «agrément du genre des trilles propre à certains instruments» (<i>Rousseau</i> , p.372)
Forma portuguesa	pinça
Datação da forma portuguesa	1616
Etimologia portuguesa	do francês pince (1375) na acepção. 'instrumento', usado geralmente no plural pinces, derivado do verbo pincer, vocábulo de criação expressiva
Evolução da grafia	pince > pinça
Evolução da forma	[ˈpɛ̃ s] > [ˈpĩsɐ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 36 - Ficha termino-etimológica - piqué

Termo	piqué
Forma francesa	<i>piqué</i>
Etimologia francesa	1793 « étoffe de coton formée de deux tissus appliqués l'un sur l'autre » (<i>Les La Trémoille</i> , V, 179 ds IGLF)
Forma portuguesa	piqué
Datação da forma portuguesa	1889
Etimologia portuguesa	do francês piqué (1806) (no sentido definido), derivado de piquer no sentido de 'picar, furar'
Evolução da grafia	piqué > piqué
Evolução da forma	[pi'ke] > [pi'ke]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 37 - Ficha termino-etimológica - plataforma

Termo	plataforma
Forma francesa	<i>plate-forme</i>
Etimologia francesa	1434 <i>platte fourme</i> « (d'un édifice...) disposition en surface plane; ce qui est ainsi disposé » (20 févr. 1433-22 mai 1434, <i>Comptes d'ouvrages</i> , 1 ^{re} Somme de mises, A. Tournai ds Gdf. <i>Compl.</i>) 1606 « surface horizontale servant de support » (Nicot)
Forma portuguesa	plataforma
Datação da forma portuguesa	1607
Etimologia portuguesa	do francês <i>plate-forme</i> (1434 sob a forma <i>platte fourme</i>) 'disposição em superfície plana, (1606) superfície horizontal que serve de suporte'
Evolução da grafia	<i>plate-forme</i> > plataforma
Evolução da forma	[plat'fɔʁmɛ] > [plata'fɔxmɐ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 38 - Ficha termino-etimológica - plissado

Termo	plissado
Forma francesa	<i>plissé</i>
Etimologia francesa	1538 « façonner (un matériau souple) en y faisant un arrangement de plis » (Est. d'apr. <i>FEW</i> t.9, p.67b)
Forma portuguesa	plissado
Datação da forma portuguesa	século XX
Etimologia portuguesa	do francês <i>plisser</i> (1538) 'cobrir de pregas; franzir, plissar'
Evolução da grafia	<i>plissé</i> > plissado
Evolução da forma	[pli'se] > [pli'sadʊ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 39 - Ficha termino-etimológica - plissê

Termo	plissé
Forma francesa	<i>plissé</i>
Etimologia francesa	1538 « façonner (un matériau souple) en y faisant un arrangement de plis » (Est. d'apr. FEW t.9, p.67b)
Forma portuguesa	plissê
Datação da forma portuguesa	século XX
Etimologia portuguesa	do francês plissé (1636) adjetivo 'que recebeu pregas', substantivo 'um folho de pregas'
Evolução da grafia	plissé > plissê
Evolução da forma	[pli'se] > [pli'se]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 40 - Ficha termino-etimológica - polaina

Termo	polaina
Forma francesa	<i>poulaine</i>
Etimologia francesa	1365 <i>soulers a la poulaine</i> « souliers à pointe très allongée » (<i>Inventaires mobiliers et extraits des comptes de Philippe le Hardi</i> , n°515 ds B. Prost, t.I, p.78); ca 1375 <i>poullaine</i> « pointe effilée de certains souliers » (<i>Modus et Ratio</i> , 75, 62, éd. G. Tilander, t.I, 147)
Forma portuguesa	polaina
Datação da forma portuguesa	1664
Etimologia portuguesa	do francês antigo polaine (sXIV-XV, atual poulaine) 'peleda Polônia'
Evolução da grafia	polaine > poulaine > polaina
Evolução da forma	[po'lɛn] > [pu'lɛn] > [po'lajnɐ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 41 - Ficha termino-etimológica - retrô

Termo	retrô
Forma francesa	rétrograde
Etimologia francesa	1589 « remonter en arrière dans le temps, remonter à une période antérieure » (Vigenère, <i>Comment. de Cesar</i> , p. 97 ds Gdf. <i>Compl.</i>)
Forma portuguesa	retrô
Datação da forma portuguesa	1973
Etimologia portuguesa	do francês rétro (1973) 'que retoma ou imita um estilo passado', abrev. de rétrograde (XIV) 'que retrocede'
Evolução da grafia	rétrograde > retrô
Evolução da forma	[Re'tRɔgRad] > [xe'tɾo]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 42 - Ficha termino-etimológica - rolotê

Termo	rolotê
Forma francesa	<i>roulotté</i>
Etimologia francesa	1819 cout. <i>rouleauté</i> adj. « façonné en bourrelet » (<i>L'Obs. modes</i> , t. 3, p. 31)
Forma portuguesa	rolotê
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	do francês roulotté (1951) (no sentido definido), (1819 sob a forma rouleauté), participio passado de roulotter no sentido de 'fazer uma prega', derivado de rouler no sentido de 'enrolar'
Evolução da grafia	roulotté > rolotê
Evolução da forma	[Ru'lɔte] > [ro'lote]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 43 - Ficha termino-etimológica - sarja

Termo	Termo
Forma francesa	<i>serge</i>
Etimologia francesa	1165-70 <i>sarge</i> « étoffe légère et croisée, ordinairement faite de laine » (Chrétien de Troyes, <i>Erec et Enide</i> , éd. M. Roques, 6606)
Forma portuguesa	sarja
Datação da forma portuguesa	1293
Etimologia portuguesa	do francês antigo <i>sarge</i> (sXII) atual <i>serge</i>
Evolução da grafia	<i>sarge</i> > <i>serge</i> > sarja
Evolução da forma	[ˈsaɾʒ] > [ˈsɛɾʒ] > [ˈsaxʒe]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 44 - Ficha termino-etimológica - saruel

Termo	Termo
Forma francesa	<i>sarouel</i>
Etimologia francesa	1839 <i>sérouâl</i> « pantalon bouffant, en Afrique du Nord » (P. Leroux, <i>Encyclop. nouv.</i> , t. 1, p. 296b, s.v. Alger: le sérouâl ou large culotte froncée sur les hanches)
Forma portuguesa	saruel
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	
Evolução da grafia	<i>sarouel</i> > saruel
Evolução da forma	[saɾw'el] > [saɾ'uɛw]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 45 - Ficha termino-etimológica - serigrafia

Termo	serigrafia
Forma francesa	<i>sérigraphie</i>
Etimologia francesa	1959 (Cain, <i>loc. cit.</i>). Dér. du lat. <i>sericum</i> « soie » (v. sérici-); élém. <i>-graphie*</i> ; cf. <i>séricigraphie</i> 1953, Quillet.
Forma portuguesa	serigrafia
Datação da forma portuguesa	1953
Etimologia portuguesa	do francês <i>sérigraphie</i> (1953 sob a f. <i>séricigraphie</i>) 'procedimento de impressão sobre madeira, vidro etc., com a ajuda de uma tela ou trama de seda, em que se deixam livres as malhas correspondentes à imagem a ser impressa'
Evolução da grafia	<i>séricigraphie</i> > <i>sérigraphie</i> > serigrafia
Evolução da forma	[<i>'seRisigRafi</i>] > [<i>'seRigRafi</i>] > [<i>serigra'fiɛ</i>]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 46 - Ficha termino-etimológica - tafetá

Termo	tafetá
Forma francesa	<i>taffetas</i>
Etimologia francesa	1314 <i>tafuta</i> « tissu de soie à armure unie » (Arch. du Pas-de-Calais ds Gay); 1316 <i>taffetat</i> (<i>Compte de Geoffroi de Fleuri ds L. Douët d'Arcq, Comptes de l'argenterie des Rois de France</i> , p. 35: pour 4 aunes de taffetat vert);
Forma portuguesa	tafetá
Datação da forma portuguesa	1507
Etimologia portuguesa	do francês <i>taffetas</i> (1314) 'tecido de seda'
Evolução da grafia	<i>taffetas</i> > tafetá
Evolução da forma	[<i>taf'ta</i>] > [<i>tafe'ta</i>]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 47 - Ficha termino-etimológica - tule

Termo	tule
Forma francesa	tulle
Etimologia francesa	Etimologia francesa 1933 <i>tulle gras</i> (Lar. 20e). Du nom de <i>Tulle</i> , ville de Corrèze, comme le témoignent ces deux attest. données ds Gay t. 2: 1698, <i>B. Soc. des Lettres de la Correze</i> , t. 4, p. 126: on demande beaucoup icy [à Paris] des ouvrages de nos filles de Tulle pour des coiffures; 1771, <i>Calendrier du Limousin</i> . Il y a encore à Tulle une industrie qui fournit de l'occupation aux filles d'une classe plus relevée; c'est la dentelle et surtout le rézeau ou filet connu sous le nom de point de Tulle.
Forma portuguesa	tule
Datação da forma portuguesa	1881
Etimologia portuguesa	do francês tulle (1765), de point de Tulle (sXVII), do top. Tulle, cidade francesa onde tal tecido começou a ser fabricado
Evolução da grafia	tulle > tule
Evolução da forma	['tyl] > ['tulɪ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 48 - Ficha termino-etimológica - utilitário

Termo	utilitário
Forma francesa	<i>utilitaire</i>
Etimologia francesa	1835 adj. « relatif à l'utilitarisme » <i>principes utilitaires</i> (Id., <i>ibid.</i> , p. 26); 2. 1834 adj. « qui vise essentiellement à l'utile » (art. de la <i>Quarterly Review</i> trad. ds <i>R. de Paris</i> , IV, 67 d'apr. Weil ds <i>R. Philol.</i> fr., t. 45, p. 41: la chimie, la géologie [...] études dites aujourd'hui <i>utilitaires</i>)
Forma portuguesa	utilitário
Datação da forma portuguesa	1874
Etimologia portuguesa	sob influxo do francês <i>utilitaire</i> (1830) 'adepto do utilitarismo; útil, que visa à prática'
Evolução da grafia	<i>utilitaire</i> > utilitário
Evolução da forma	[ytili'te:ʀ] > [utʃili'tariʊ]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 49 - Ficha termino-etimológica - vanguarda

Termo	vanguarda
Forma francesa	<i>avant-garde</i>
Etimologia francesa	a) Mil. xiies. milit. <i>avantgarde</i> (<i>Charroi Nimes</i> , éd. Jonckbloet, 869 ds T.-L. : Ent l'avantgarde fu Bertrans l'alsez); b) 2emoitié xvies. fig. p. anal. « ce qui joue un rôle de précurseur, notamment en ce qui concerne un mouvement littér. »
Forma portuguesa	vanguarda
Datação da forma portuguesa	século XV
Etimologia portuguesa	do francês <i>avant-garde</i> (sXII) 'vanguarda', inicialmente do vocabulário militar
Evolução da grafia	<i>avant-garde</i> > <i>vanguarda</i>
Evolução da forma	[<i>'avã'gaRd</i>] > [<i>vẽ'gwaxde</i>]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 50 - Ficha termino-etimológica - viés

Termo	viés
Forma francesa	<i>biais</i>
Etimologia francesa	Ca 1250 loc. adv. de <i>biais</i> « qui n'est pas coupé dans le droit fil » (Douin de Lavesne, <i>Trubert</i> , éd. G. Raynaud de Lage); a) 1563 adj. « oblique » (Palissy, <i>Recepte</i> dans <i>Gdf. Compl.</i>); fin xvi ^{es} . fig. (Mont., IV, 239 dans Littré)
Forma portuguesa	viés
Datação da forma portuguesa	século XV
Etimologia portuguesa	do francês <i>biais</i> (c1250) locução adverbial de <i>biais</i> no sentido de 'que não foi cortado na direção do fio'
Evolução da grafia	<i>biais</i> > <i>viés</i>
Evolução da forma	[<i>bjɛ</i>] > [<i>vi'ɛz</i>]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 51 - Ficha termino-etimológica - *laise*

Termo	<i>laise</i>
Forma francesa	<i>laize</i>
Etimologia francesa	1474 <i>laize</i> « largeur d'une étoffe comprise entre deux lisières » (Boislisle, <i>Inventaire de la Comtesse de Montpensier</i> , p. 23)
Forma portuguesa	<i>laise</i>
Datação da forma portuguesa	
Etimologia portuguesa	
Evolução da grafia	<i>laize</i> > <i>laise</i>
Evolução da forma	[<i>lɛ:z</i>] > [<i>lɛzɪ</i>]

Fonte: Luana Penêdo

Tabela 52 - Ficha termino-etimológica - *zibelina*

Termo	<i>zibelina</i>
Forma francesa	<i>zibeline</i>
Etimologia francesa	1572 adj. <i>Martes Zubelines</i> (Fr. de Belleforest, <i>Epistres des princes</i> [trad. de l'ital.], fo13 vo). Altér., sous l'infl. de l'ital. du Nord <i>zibellino</i> de l'a. m. fr. <i>sabelin</i> , <i>sebelin</i> (adj. dep. ca1100, Roland, éd. J. Bédier, 462; subst. dep. ca 1165, Guillaume d'Angleterre, éd. M. Wilmotte, 3183), <i>sabeline</i> , <i>sebeline</i> , subst. (dep. ca 1160, <i>Eneas</i> ds T.-L.); le cheminement précis de ces formes, qui ont la même orig. que <i>sable*</i> , n'est pas encore élucidé. Voir FEW t. 20, pp. 49-50a et Hope, pp. 52-53.
Forma portuguesa	<i>zibelina</i>
Datação da forma portuguesa	século XV
Etimologia portuguesa	do francês <i>zibeline</i> (c1165, <i>sabeline</i> , <i>sebeline</i>) (no sentido definido), provavelmente de origem eslava
Evolução da grafia	<i>zibeline</i> > <i>zibelina</i>
Evolução da forma	[<i>ziblin</i>] > [<i>zibe'linɐ</i>]

Fonte: Luana Penêdo

REFERÊNCIAS

- ANUÁRIO Fashion: glossário da moda. **Revista Caras**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/fashion/anuario-fashion-glossario-da-moda-universo-moda-vocabulario.phtml>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- BISOL, Leda (Org.). **Introdução aos estudos da fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 286 p.
- CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES. 2005.
- COLONIZAÇÃO do Brasil: O Brasil no século XVII. **Guia geográfico História do Brasil**. Disponível em: <<https://www.historia-brasil.com/seculo-17.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- COLONIZAÇÃO no Brasil: O Brasil no século XVIII. **Guia geográfico História do Brasil**. Disponível em: <<https://www.historia-brasil.com/seculo-18.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- COSTA, Manuela Pinto da. Glossário de termos têxteis e afins. **Revista da Faculdade de Letras**. Porto, v. 3, p. 137-161, 2004.
- CRUZ, Cleide Lemes da Silva. **Glossário de Terminologias do Vestuário**. Brasília, f. 89, 2013. Dissertação (Linguística) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.
- CÂMARA JR., J, Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DIAS, Julieta Prata de Lima. Terminologia da moda: conceitos e definições universo fashion. **Acta Semiótica et Lingvistica**. Paraíba, v. 16, n. 1, p. 215, 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/14973>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010. 2272 p.
- DICIONÁRIO eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa. 2001.
- DICTIONNAIRE Le Petit Robert de la Langue Française. Paris: Dictionnaires Le Robert , 2016. 2838 p.
- DO REINO à República: O Brasil no século XIX. **Guia geográfico História do Brasil**. Disponível em: <<https://www.historia-brasil.com/seculo-19.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2018.
- GLOSSÁRIO de moda. **Cor de cravo**. Disponível em: <<https://cordecravo.wordpress.com/glossario-de-moda/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.
- HUALDE, José Ignacio. **The Sound of Spanish**. Cambridge University Press, 2005.
- JAKOBSON, R; FANT, G; HALLE, M. **Preliminaries to Speech Analysis**. Cambridge: MIT Press, 1952.
- KANG, Yoonjung. Loanword phonology. **The Blackwell companion to phonology**. Oxford:

Wiley-Blackwell, p. 2258-2282, 2011.

KRIEGER, Maria da Graça. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. **Confluência**. Rio de Janeiro, v. 46, 2014.

MARCHI, Hermínia Scarati et al. **Moda: roupas**. São Paulo, 2001. Trabalho de Disciplina (Tradução) - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

MATTOS E SILVA, Rosa Virginia B.. In: V SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS: FILOGIA NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA. 2010.

PUEL, Carolina. Glossário de Tecidos. **Estilo Piti**. Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<http://glossario.estilopiti.com/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

RAIMUNDO, Eidele Maria et al. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Terminologia: uma experiência com o vocabulário da moda, subdomínio têxtil**. Londrina, 2004. Trabalho de Disciplina (Letras) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 1999. 254 p.

VALADARES, Flavio Biasutti. Variação e Mudança Linguística: uma Análise da Ampliação Semântica de Estrangeirismos no Português Brasileiro. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v. 11, n. 4, p. 403-414, dez. 2014.

VOCABULÁRIO – Termos novos usado no mundo da moda. **Moda com estilo**. 2009. Disponível em: <<http://www.modacomestilo.com.br/termo/terminologias>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

WALDEN, George; HOWARD, Philip. **Fine and Dandy**. The Times, 2002.